



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FABIO ZACHEU CONTI

**ANTROPOMORFISMO E ANSIEDADE CANINA:
OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO HUMANO
COMO VARIÁVEIS NESTES DESENVOLVIMENTOS**

BRASÍLIA

2023

FABIO ZACHEU CONTI

**ANTROPOMORFISMO E ANSIEDADE CANINA:
OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO HUMANO
COMO VARIÁVEIS NESTES DESENVOLVIMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília -CEUB, para obtenção do grau de bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Prof. MSc. Lucas Edel Donato.

BRASÍLIA

2023

FABIO ZACHEU CONTI

**ANTROPOMORFISMO E ANSIEDADE CANINA:
OS MECANISMOS DE DEFESA DO EGO HUMANO
COMO VARIÁVEIS NESTES DESENVOLVIMENTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília -CEUB, para obtenção do grau de bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Prof. MSc. Lucas Edel Donato.

Brasília, 21 de junho de 2023

Banca Examinadora

Prof. MSc. Lucas Edel Donato
Orientador

Prof. Dr. Carlos Alberto da Cruz Júnior
Examinador

Prof. Dr^a Francislete Rodrigues Melo
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso foi de grande aprendizado, reativação de conhecimentos e correlações importantes para o desenvolvimento de interação das duas profissões que me torno graduado e realizado, a Psicologia e a Medicina Veterinária, mesmo com as dificuldades apresentadas a cada momento e contornados com condizente resiliência de quem trabalha com as variáveis da ciência. Minha trajetória acadêmica foi bem aproveitada e sou grato a todos que de alguma forma compartilharam deste momento comigo.

Agradeço inicialmente a Deus e a nossa Senhora Aparecida e afetuosamente a meus pais, Admir Martins Conti e Lourdes Zacheu Conti, pela cooperação, compreensão e apoio na realização de um sonho nesta graduação, o curso que sempre foi minha primeira opção desde a saída do ensino médio.

Agradeço inicialmente e especialmente a minha esposa Ludmilla Pereira de Souza Conti que, mesmo diante de todas as dificuldades que as condições da vida lhe apresentou, esteve sempre a meu lado distribuindo todo seu apoio ao meu desenvolvimento, reestruturação profissional e realização de um sonho, uma mulher guerreira, companheira, amiga e completa para si e para nossa relação, por quem tenho enorme admiração. E também aos meus filhos, Matheus de Souza Conti, Camilla de Souza Conti e Eduarda de Souza Conti, que amo imensamente e que me motivaram a continuar diante das adversidades impostas.

Ao professor e orientador Lucas, mentor em projetos, companheiro em momentos diversos, pela admiração e respeito que obtive desde as primeiras matérias de doenças infecciosas e parasitárias ministradas por ele e continua diante da parceria celebrada no desenvolver do curso. Seu empenho na condução deste trabalho, com compreensão e credibilidade em meu potencial. Meus sinceros agradecimentos, Lucas Edel Donato.

À meus familiares e parentes, que sempre demonstraram apoio incondicional, por serem alicerce na construção desta etapa. Obrigado por todos os suportes e incentivo doados. Agradeço ao meu amigo Lucas Costa de Faria, que está ao meu lado desde o início da faculdade.

Gostaria de agradecer a todos os funcionários e professores do CEUB que estiveram presentes nesta jornada. Aos professores Lucas, Bruno, Chico, Andrei,

Marina, Cristiano, Manu, Francis, Ranieri, Mirna, Varanda, Carlos e outros que foram responsáveis pelo desenvolvimento do meu conhecimento. Aos colegas e amigos que tive o prazer de conviver no dia a dia na faculdade, Lucas, Janaina, Guilherme, João Lucas, Raianny, Gabi, Gabi, Gabi, Carol, Ingrid, Davi, Julia, Giulia, Geovana e tantos outros que estiveram ao meu lado. A motivação de vocês em estudar e trabalhar em prol da medicina veterinária e o esforço colaborativo e multidisciplinar, garantindo a busca da excelência na saúde dos animais foi uma condição essencial para minha conclusão. Aos meus mentores de Estágio que ratificaram o conhecimento da teoria na vivência da prática: Ana Flávia, Daniel, Helena, Aline, Maria, Domênica, Thayane, Ayala, Paula, Luiza, Lorena, Victoria, Ariadny, Igor, Hedermey e outros

Àqueles que não tiveram seus nomes citados, mas direta ou indiretamente acrescentaram a esta caminhada, minha gratidão.

RESUMO

Problemas comportamentais estão entre os maiores responsáveis por situações de abandono e eutanásia em cães no mundo. A ansiedade canina é uma condição emocional de sofrimento que afeta o animal, tutores e o relacionamento entre eles. O processo de domesticação foi estruturado sobre diversos fatores de seleção como aptidão laboral, docilidade, comunicação, entre outros. Neste transcurso para domesticar os animais, a atribuição de características e comportamentos próprios aos humanos a entidades da natureza, conhecida como antropomorfismo, também esteve presente no desenvolvimento desta relação. O objetivo deste trabalho é demonstrar associações e relações entre os construtos psicológicos do ser humano, e como isso afeta a saúde dos animais assim como a relação entre ambos. Foi utilizada descrição narrativa para demonstrar essas correlações, com utilização de um total de 78 publicações científicas, de uma pré-análise de 247 estudos publicados entre o período de 2013 a 2023. Na construção das relações afetivas humano-cão, o apego é um fator determinante no desenvolvimento de animais seguros, e a influência de mecanismos psicológicos humanos, como as defesas do ego, podem atuar como variáveis motivadoras de respostas inconvenientes para os animais e suas interações sociais. A introjeção de significados objetificados para os humanos, em suas primeiras interações sociais, estabelece a instituição de uma série de fenômenos na constituição de sua personalidade, e para se proteger dos conflitos intrapsíquicos, podem desempenhar alguns mecanismos de defesa. Essas estruturas interferem nas relações humanas, modificando interpretações da realidade a favor da manutenção do seu equilíbrio psicológico. Algumas destas defesas têm caráter imaturo e acabam por descaracterizar o outro ser envolvido na relação interpessoal ou interespecie. Comportamentos são incitados por estímulos, e as defesas do ego podem afetar a representação correta de estímulos, respostas e interações. Cães e humanos, apesar de características similares de interação social das espécies, possuem diferentes formas de se comunicar e desenvolver sua saúde mental. Foi observado como resultado desta pesquisa que para aplicar a melhor estratégia de tratamento para os comportamentos indesejados, é necessário o conhecimento emocional, cognitivo e social dos envolvidos, para escolha das técnicas e métodos de comunicação adequados para o sucesso terapêutico. Entre os mecanismos de defesa do ego humano responsáveis por afetar esta relação interespecie, encontram-se projeção, negação, idealização, compensação e identificação projetiva.

Palavras-chave: comportamento; apego; projeção; negação; idealização.

ABSTRACT

Behavioral problems are among the most responsible for situations of abandonment and euthanasia in dogs in the world. Canine anxiety is the emotional condition of suffering that affects the animal, tutors and the relationship between them. Domestication was involved by several selection factors such as work aptitude, docility, communication, among others. Anthropomorphism is a human condition of attributing characteristics and behaviors to certain entities of nature that surround it. The objective of this work is to demonstrate associations and relationships between the psychological constructs of the human being, and how this affects the health of animals as well as the relationship between both. A narrative description was used to demonstrate these correlations, using a total of 78 scientific publications, from a pre-analysis of 247 studies published between 2013 and 2023. In the construction of affective human-dog relationships, attachment is a determining factor in development of safe animals, and the influence of human psychological mechanisms, such as ego defenses, can act as motivating variables of inconvenient responses for animals and their social interactions. The introjection of objectified meanings for humans, in their first social interactions, establishes the institution of a series of phenomena in the constitution of their personality, and to protect themselves from intrapsychic conflicts, it can play some defense mechanisms. These structures interfere in human relationships, modifying interpretations of reality in favor of maintaining their psychological balance. Some of these defenses are immature and end up mischaracterizing the other being involved in the interpersonal or interspecies relationship. Behaviors are prompted by stimuli, and ego defenses can affect the correct representation of stimuli, responses, and interactions. Dogs and humans, despite similar characteristics of social interaction between species, have different ways of communicating and developing their mental health. It was observed as a result of this research that in order to apply the best treatment strategy for unwanted behaviors, it is necessary to have emotional, cognitive and social knowledge of those involved, in order to choose the appropriate communication techniques and methods for therapeutic success. Among the defense mechanisms of the human ego most responsible for affecting this interspecies relationship are projection, denial, idealization, compensation and projective identification.

Keywords: behavior; attachment; projection; denial; idealization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	12
2.1. Objetivo Geral	12
2.2. Objetivos Específicos	12
3. METODOLOGIA	12
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
4.1. Mecanismos de Defesa do Ego	14
4.1.1. Subdivisão das Defesas	17
4.1.1.1. Defesas Imaturas	17
4.1.1.2. Defesas Neuróticas	20
4.1.1.3. Defesas Maduras	20
4.2. Relações Interpessoais e Interespécies	21
4.2.1. Apego	21
4.2.2. Antropomorfismo	26
4.2.3. Comunicação	29
4.3. Constituição Canina	34
4.3.1. Cognição, Consciência e Comportamento	34
4.3.2. Ansiedade	42
4.3.3. Tratamentos	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6. REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

A conjunção e interação entre as competências biológicas, psicológicas e sociais define o estado de saúde de humanos e animais, assim como, as alterações de ampliação ou redução na condição em um destes fatores, os afetam (FRIEDMAN; KRAUSE-PARELLO, 2018). Apesar de haverem diversos aspectos relevantes a serem considerados na relação humano-cão, o desempenho é evidencialmente motivado pelo bem-estar, individual ou mútuo, dos envolvidos e podem ser imensamente afetados pela qualidade deste elo compartilhado (HALL et al., 2021).

A presença de animais, seja de companhia, interação ou terapêutica, é capaz de oferecer ao ser humano suporte social e psicológico, ampliando a sensação de segurança, reduzindo ansiedade e estresse, assim como sua ausência por perda pode comprometer seu lado psicológico e biológico. Porém alguns trabalhos apontaram que para redução da ansiedade e percepção de exaustão, a posse de animais não é condição determinante. A partir desses entendimentos, tem-se questionado sobre os benefícios interativos dos animais sobre as pessoas, das pessoas sobre os animais, ou prejuízos individuais que podem surgir dessas relações (FRIEDMAN; KRAUSE-PARELLO, 2018).

O conhecimento na regulação das emoções implícitas, tem ampliado sua importância no campo da neurociência devido sua relevância na ideia de controle das dinâmicas psicológicas que o afeto tem junto a esta. Os conceitos modernos em torno de mecanismos de defesa inclinados ao afeto se assemelha ao modelo neurocientífico de regulação emocional implícita (RICE; HOFFMAN, 2014).

O conhecimento científico do afeto animal é um setor em crescente exploração, prevalecendo o reconhecimento circunstancial e estrutural, e em menor interesse, sua funcionalidade. Tanto para seres humanos quanto para animais, com finalidade de organização de processos adaptativos e tomada de decisões, as disposições do afeto abrangem função elementar em seu desenvolvimento e desempenho. Entretanto, o entendimento de quais demandas são capazes de instalar essa atribuição, ainda é impreciso (MENDL; PAUL, 2020).

Na interação entre os animais e pessoas, observamos que a ausência dos responsáveis à sua volta, expressa nos animais uma ansiedade em forma de comportamentos repetitivos, destrutivos, autolesivos e inadequados como

vocalização excessiva (WANG et al., 2022), excreções, salivação, excesso de higienização, agressividade, empreendimento de fuga, tremores e depressão (SARGISSON, 2014).

A presença de um ou mais comportamentos descritos acima são considerados uma das principais motivações de abandono dos cães pelos seus tutores, e dentre eles a agressividade, fobia e medo apresentam maior frequência nos relatos observados na literatura. No Brasil, a ansiedade, especificamente a de separação, é descrita como segundo problema mais apresentado, atrás da agressividade, que consta de forma unânime como principal alteração observada (RAMOS et al., 2020).

Na rotina da clínica médica de pequenos animais, a ansiedade é um transtorno comumente observado e em alguns momentos relatado como queixa clínica pelos tutores, o que constitui uma complicação em seu bem-estar e no relacionamento com humanos (XU et al., 2023). Cães e gatos apresentam transtornos comportamentais semelhantes como agressividade, a animais e humanos, e excreções inapropriadas. As alterações comportamentais de ansiedade, estresse e depressão também são frequentemente relatadas nos caninos (HAMMERLE et al., 2015), enquanto nos felinos, as condutas destrutivas de ambiente são comumente descritas (MACHADO et al., 2020).

Os sinais clínicos associados à ansiedade de separação, embora não sejam sempre evidentes ao tutor, precisam ser tratados como emergência na veterinária comportamental, por externar sofrimento. Esta condição pode indicar a possibilidade de utilização de fármacos, mas para alcançar uma abrangência maior no tratamento é necessária a aplicação de técnicas de modelagem de comportamentos, exigindo comprometimento dos envolvidos neste esforço (HAMMERLE et al., 2015).

Os posicionamentos da psicanalista Melanie Klein (1882 - 1960) sobre ansiedade, mecanismos de defesa do ego e relações objetais, podem ser reestruturados em um modelo de contexto cognitivo-social contendo afeto, estratégias reguladoras do afeto e representações psicológicas individuais sobre os outros, para enquadrarem-se em modelos empíricos de abordagem (SHAHAR, 2018).

A percepção que o indivíduo tem de si mesmo, do universo e do outro, segundo Bowlby, é influenciada por referências internalizadas na mente, constituídas por suas memórias, análises e expectativas que significam, articulam e classificam seus inúmeros aprendizados e experiências sociais, ou seja, a existência de

processos controladores do comportamento de apego, estruturados durante a infância, modelam a conduta da personalidade no resto de sua existência. Se houver estabelecimento de um apego seguro durante seus comportamentos exploratórios, o indivíduo se perceberá merecedor de atenção e carinho, e projetará para outros relacionamentos, pois sua referência será confiável, afetuosa e receptiva. Contudo, suas referências serão elaboradas sobre mecanismos de defesas diversificados, se houver confusão ou insegurança na formação do apego (GHENO, 2022).

A apresentação de resistência pelos humanos, a relação interna entre estigmas sociais e condições pessoais, exercem sobre o indivíduo um direcionamento ao uso inconsciente de mecanismos de defesa do ego, externalizados ou não, como argumento antagonista à sua ansiedade, afetando suas interações sociais (MUNIZ, et al., 2020). A projeção de problemas próprios de tutores a seus animais, pode estar relacionado a sentimentos experimentados em suas relações durante seu desenvolvimento como indivíduo (O'FARRELL, 1997).

O entendimento e desenvolvimento teórico das psicodinâmicas do afeto disponibiliza perspectiva de intervenção científica, através da aplicação de técnicas de tratamento sistêmico, promovendo a estabilização com regulação emocional de situações ocasionadas por mudanças insatisfatórias ou afetadas por mecanismos de defesa (RICE; HOFFMAN, 2014).

A prática observada no âmbito médico e comportamental do ser humano, demonstrou questões morais discutíveis e que na área da veterinária ainda não alcançou debates satisfatórios sobre o mesmo tema. Ao focar seus esforços para justificativas biológicas, a veterinária ameaça simplificar as razões reguladoras do comportamento e as complexas ativações e elaborações cerebrais envolvidas (MILLS, 2022).

Fernandes (2015), declara a utilização de seus conhecimentos em técnicas psicanalíticas para compreensão de tutores e no auxílio diagnóstico junto aos problemas observados nos animais. Sinalizou também a invasão das estruturas da personalidade humana no comportamento e hábitos caninos, com a indicação de ausência de mecanismos de defesa psíquicos atuantes nos cães, dificultando a interferência protetiva contra as atuações do meio.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Reunir dados científicos de forma narrativa visando contribuir para o entendimento do desenvolvimento de alterações comportamentais em cães associadas ao antropomorfismo e mecanismos de defesa do ego humano.

2.2. Objetivos Específicos

- contribuir para o desenvolvimento da veterinária comportamental com o entendimento de estímulos intrínsecos humanos às respostas comportamentais caninas;
- caracterizar alguns mecanismos de defesa do ego que estejam associados ao desenvolvimento de comportamentos em cães;
- descrever associações entre as defesas de idealização, negação e projeção humana como condição de antropomorfização;
- apresentar perspectivas de entendimento sobre as interferências dos mecanismos de defesa do ego sobre o tratamento de problemas comportamentais.

3. METODOLOGIA

Foi adotado neste trabalho, a utilização de técnica de revisão de literatura por instrumento narrativo, estratégico e bibliográfico, com características qualitativas, para atender aos objetivos apresentados. A busca por estudos que atribuíssem valor ao escopo funcional desta exposição, alcançou alguns resultados em plataformas de busca como Science Direct, Pubmed, Scielo, Google Acadêmico, na representação informativa de revistas especializadas, livros, teses, dissertações, relatórios, e outros documentos referenciados e apropriados a este tipo de pesquisa.

As palavras chaves utilizadas para alcançar as métricas propostas foram: mecanismos de defesa, ego, psicanálise, relação objetal, apego, consciência, bem-estar, animal, comportamento, ansiedade, projeção, negação, idealização,

compensação, antropomorfismo, afeto, cães. Foram utilizadas buscas por correlações com operadores booleanos, assim como a utilização de suas traduções na língua inglesa em páginas de pesquisa da internet que utilizassem dessa necessidade: defense mechanisms, ego, psychoanalysis, object relation, attachment, conscience, well-being, animal, behavior, anxiety, projection, denial, idealization, compensation, anthropomorphism, affection, dogs. Como critérios de inclusão foram escolhidos artigos que incluíssem mecanismos de defesa do ego humano, a aplicação em cães ou animais de vida social parecida, correlações entre os desenvolvimentos e comunicações na relação homem-animal. Já os critérios de exclusão contiveram restrições aos estudos exclusivos com gatos, com mecanismos de defesa imunológicos,

Com estes parâmetros, foram selecionados 247 estudos, e após aplicação dos fatores de seleção, escolhidos 78 destes para a realização deste trabalho. Para melhor padronização e utilização de referências atualizadas, decidiu-se por estudos publicados entre 2013 e 2023, mas prevaleceram os divulgados nos últimos 5 anos. Quando um artigo selecionado, referenciava um artigo com indicativo anterior a este período, mas com previsibilidade de valorização à composição textual deste, os mesmos foram oportunamente incorporados.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Mills (2022), demonstrou que o levantamento de material em estudos comportamentais caninos, devem atuar dentro de 3 (três) perspectivas da ciência para análise de sua natureza: a médica, a comportamental e a psicobiológica. Essa última, tem recebido atenção massiva recentemente com atuação diversificada e sistemática para o desenvolvimento de material, principalmente por conta da falta de familiaridade existente entre os profissionais da área veterinária.

Alguns questionamentos devem ser feitos no entendimento cognitivo-emocional animal, como o limite entre a percepção de similaridade biológicas verdadeiras entre as espécies ou sua visualização em um espectro antropomórfico e centrado no ser humano, de reações e comportamentos (KUJALA et al., 2017).

A psicanálise, no mundo amplo dos animais, teria como objetivo ajudar a compreender os comportamentos e mente dos não-humanos em contato com as pessoas e suas sociedades, e isso seria entender o sujeito não-humano. Principalmente pelo ser humano ter influência praticamente direta nisso, seja positivo ou negativo; e ao saber disso, somos colocados como sujeitos com deveres éticos com os outros animais. A importância de ter essa percepção é que a psicanálise faz parte de um dos domínios do bem-estar animal e isso pode ser pensado para criar possibilidades de ambientes melhores em que o sujeito ali submetido pode performar a ideia de comportamento natural idealizada pelos cientistas e público geral. Além disto, a psicanálise veterinária, ou dos animais, deve ser feita a partir dos estudos mais aprofundados da psicanálise humana e de forma crítica e científica, contribuindo para uma transdisciplinaridade da saúde mental e integral dos animais, inclusive pode estar incluída na área de *veterinary humanities and social sciences* (veterinária de humanas e ciências sociais, em tradução livre). (PISA; LEME, 2022, p.71658).

O modelo médico de avaliação observa os problemas comportamentais a partir da patologia envolvida nos esquemas fisiológicos do organismo animal, enquanto o comportamental destaca a influência das contingências do meio na constituição do comportamento baseado nos fundamentos empíricos da psicologia behaviorista. Já o pensamento psicobiológico sustenta suas explorações na neurociência afetiva, e nas biológicas, comportamental e evolutiva, trazendo uma reflexão sobre o ser, e destacando seu referenciamento em construtos psicológicos preditivos de comportamentos, como disposição motivacional e emocional (MILLS, 2022).

Deve-se considerar que a pesquisa experimental não necessita atingir deliberações totalitárias, ou atestar quaisquer hipóteses, mas apurar informações que possibilitem entender como os mecanismos de defesa fundamentariam ocorrências oportunas, ou então, estes recursos terão sua aplicabilidade, por teóricos, somente quando lhe for vantajoso ao explicar uma reflexão idealizada com um conceito correspondente (MIHALITS; CODENOTTI, 2020).

4.1. Mecanismos de Defesa do Ego

A composição da personalidade, de acordo com Freud, se dá por três constituintes: Id, Ego e Superego. O Ego atua como mediador entre os conflitos existentes entre a impulsividade do indivíduo na busca de satisfação imediata característica do Id, e a oposição moral de princípios sociais e valores morais

próprios do Superego. O Ego é, portanto, responsável pela representação comportamental adaptativa, responsável e equilibrada do indivíduo perante a sociedade (MUNIZ et al, 2020).

Os conceitos da psicanálise, permanecem com a importância e utilidade para a psicologia, desde sua descrição por Freud, como nas noções sobre a configuração da personalidade em Id, Ego e Superego, do consciente e do inconsciente, das pulsões, relações objetais, mecanismos de defesa, e outros. Não há como negar, que sua originalidade permanece eficiente enquanto abordagem que auxilia no manejo terapêutico individual e de integração ampla deste a seu meio social (LEITE; MACEDO; ANDRADE, 2021).

A personalidade pode se estabelecer como um agregado de características consistentes e peculiares que se transformam conforme a situação revelada, ou pode se apresentar como natureza complexa de qualidades psicológicas completamente estabelecidas, em sua maioria inconscientes, de alteração improvável e com expressão espontânea em praticamente todos cenários do funcionamento humano. Delibera-se a associação entre os mecanismos de defesa e formas disfuncionais, de internalização e externalização, da personalidade (RACHÃO, 2013).

Os mecanismos de defesa foram definidos pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud, como organizações controladoras da mente frente a necessidade de proteção em contraposição a sentimentos ansiosos. Uma forma de reduto frente a dificuldades cognitivas e emocionais, ou ainda impulsos. Estes mecanismos quando se adequam de maneiras moderadas e flexíveis frente à realidade apresentada, são salutares às suas relações internas e externas. Na sua conformação patológica desequilibram e desorganizam o desenvolvimento da personalidade e interações com o meio (CAMPOS, 2019).

A consciência humana é o local de atuação das defesas e de artifícios ao qual as pessoas utilizam para relacionarem-se com o ambiente e com outros indivíduos. Sua existência e aplicabilidade, servem para preservar a representação que os indivíduos têm de si mesmos e assegurar a manutenção de sua identidade. Estas estruturas de autodefesa, quando colocadas dentro do âmbito social, são providas de intervenções culturais que programam a subjetividade e os sentimentos de pertencer, como uma domesticação social do ser (GUERINI; MARRAFFA, 2020).

O uso de mecanismos de defesas, em todos os graus de função adaptativa, representa intervenção intrapsíquica primordial. As defesas transformam sua adaptabilidade e funcionalidade proporcionalmente ao amadurecimento do indivíduo, e podem sofrer reorganização por aprendizado, ou reconhecimento, social ou terapêutico. A identificação “de que os indivíduos usam uma variedade de abordagens para gerenciar a relação entre seu mundo interno e a realidade externa”, representa a utilização de mecanismos de defesa. O desempenho de determinado elemento destes, e sua aplicação, provém de um aglomerado de acontecimentos e fatores individuais, culturais, genéticos e habilidade de transformar esses agentes mediante experiência, cognição e outros estímulos (BLANCO et al., 2023).

Para que um indivíduo desenvolva representações e significados proporcionais ao sentido real, é preciso que durante sua infância seus cuidadores primários não pratiquem identificações equivocadas de seus sentimentos, pois esses impasses acabam confundindo o entendimento de identidade e adaptação por parte deste indivíduo, e futuramente, de significar e controlar corretamente as emoções em suas relações. A não integração de sensações causadas por essa vivência de afeto, pode se transformar em ansiedade descontrolada, ameaçadora e contínua (MIZEN, 2019).

Os esforços internos para manutenção homeostática do aparelho psíquico dos seres humanos, chamados mecanismos de defesa do Ego, são proteções que atuam sobre os conflitos, internos e externos (LEITE; MACEDO; ANDRADE, 2021).

É provável que a correlação entre as defesas e o funcionamento reflexivo (TANZILLI et al., 2021), “capacidade de perceber a si próprio e perceber os outros como seres psicológicos” (ENSINK et al., 2015), auxiliam na regulação de cenários ativos das emoções presentes em relações interpessoais vigentes, inspiradas por processos psíquicos e representações de relacionamentos progressos relevantes (TANZILLI et al., 2021).

A teoria psicanalítica tem nos preceitos de Freud, o entendimento de que todo comportamento possui uma motivação e uma explicação para sua expressão, a partir disso desenvolveu os conceitos da construção da estrutura psicológica humana e em sequência dos mecanismos de defesa que equilibram esta estrutura. Seja para afastar ameaças ansiosas ou proteger a dignidade, os mecanismos de defesa do ego se apresentam em diferentes ocasiões, e em todos os indivíduos,

para a manutenção de sua homeostase psíquica (MUNIZ et al., 2020). Em indivíduos ansiosos, a autocrítica e afetos negativos, podem se encontrar relacionados mutuamente através dos mecanismos de defesa que dificultam a adaptação à realidade. Esses mecanismos direcionam sua carga psíquica contra o próprio indivíduo ou contra outros. (SHAHAR, 2018).

Entre as defesas do ego podemos encontrar os mecanismos de compensação, conversão (somatização), dissociação, fixação, idealização, identificação, intelectualização, repressão, resistência, substituição, supressão (MUNIZ et al., 2020), acting out, anulação, isolamento, desvalorização, idealização, divisão (SHAHAR, 2018), negação, projeção, introjeção, racionalização, regressão, formação reativa, sublimação e deslocamento (MUNIZ et al., 2020; LEITE; MACEDO; ANDRADE, 2021).

4.1.1. Subdivisão das Defesas

As defesas se subdividem, de acordo com o grau de adaptação funcional, como imaturas, neuróticas e maduras (DI GIUSEPPE; PERRY, 2021).

4.1.1.1. Defesas Imaturas

É nas imaturas que se encontram os mecanismos de defesa associados à ação, negação e imagem, como a defesa de negação, projeção e idealização, entre outros. Esse nível de intervenção é determinado pela susceptibilidade defensiva do indivíduo e pela deficiência emotiva e cognitiva da consciência diante conflitos internos ou acontecimentos externos ativadores de ansiedade. Esses recursos inibem a consciência de ideias, desejos, sentimentos e comportamentos intoleráveis, evitando-a e esquivando-a de experimentar a sensação de ameaça. A adaptabilidade dos mecanismos maduros permite a experimentação constituída e quase consciente, abrangendo afetos e conceitos, otimizando soluções e determinando as circunstâncias da aflição (DI GIUSEPPE; PERRY, 2021).

As defesas imaturas e patológicas estão associadas ao comprometimento psicossocial do indivíduo. Condições envolvendo falta de maturidade temporal, social, escolar e de renda, são fatores importantes para prevalência e funcionalidade

dos mecanismos de defesa. Estudos demonstram que o uso de algum desses mecanismos aumenta a possibilidade de outro ser utilizado, ou mesmo a combinação de vários (BLANCO et al., 2023).

As defesas imaturas desempenham papéis de separação entre bem e mal, estando associadas aos primeiros anos de vida, e subdividindo-se entre a idealização (do bem como única perspectiva), a negação (da existência do mal) e a identificação projetiva (direcionar imagem de bem e mal, de si próprio, ao outro). A projeção é um mecanismo de defesa que circula entre a autocrítica e a representação do outro. As relações objetais então estariam em um plano superficial do simbolismo cognitivo e emocional (SHAHAR, 2018).

A capacidade de distinguir prazer e desprazer é inaugurada pela introjeção, envolvimento dos objetos pelo ego, implantando assim o aparelho psíquico e demandando representações, identificações e idealizações. A descoberta do desprazer, instituído pelo objeto introjetado, estimula a implementação de defesas para adaptação da mente perante situações insatisfatórias (SILVA; FONTENELE, 2019).

Na defesa por idealização, a distorção ocorre com a qualificação excessivamente positiva de aspectos e relações, intrínsecos ou extrínsecos, suprimindo seus respectivos conflitos emocionais ou aversivos. O indivíduo então associa a excelência percebida a si como sendo merecida, e mesmo reconhecendo defeitos no objeto, ou indivíduo, idealizado, preserva a imagem de admiração direcionada (DI GIUSEPPE; PERRY, 2021).

A negação demonstra a incapacidade de aceitação diante circunstância intolerável, evitando o indivíduo de reconhecer a realidade, permitindo a continuidade de complicações (MUNIZ et al., 2020). Quando diante dos conflitos o indivíduo rejeita constatações da realidade ou de sua vivência, mesmo com evidências notadas, o mecanismo atuante é o da negação. Ao negar, o sujeito tenta preservar sentimentos, desejos, ideias ou comportamentos, não os reconhecendo, para não ter que contestá-los e assim admitir resultados aversivos que essas situações conteriam, em sua convicção (DI GIUSEPPE; PERRY, 2021).

A introjeção é a admissão de posicionamentos dos outros como se fossem seus, enquanto a projeção é a transferência inconsciente de posicionamentos próprios, a objetos externos (MUNIZ et al., 2020). Na defesa por projeção, o indivíduo designa ao outro, por afinidade ou ameaça, atribuições de sua

competência, como comportamentos, pensamentos e sentimentos ao qual este nega em si pela vulnerabilidade impelida. Um direcionamento constante de atenção é fixado sobre o outro indivíduo, ou objeto, a quem é projetado seus sentimentos, aliviando assim sua consciência (GIUSEPPE; PERRY, 2021).

A repercussão da projeção nas interações, pode ser completamente antagônica, enquanto defesa, perante a escassez de relações objetivas adaptativas. Essas relações abrangem a habilidade experimental perante outros indivíduos em níveis de complexidade variados de interação positiva, empática e de reciprocidade reativa. Em caso de perda desta competência, a experimentação projetiva do outro, provavelmente, será negativa (SHAHAR et al., 2010).

Na identificação, o objetivo a ser alcançado está relacionado a caracterização de sensações e resultados do outro em si, com a reprodução de atitudes e conceitos (MUNIZ et al., 2020). Na identificação projetiva, existe a concessão de uma representação ao objeto, designando uma perspectiva e reação deturpada a este, ou seja, o indivíduo provoca no outro os seus sentimentos, e como resultado se identifica neste outro. É quando um afeto ou impulso do indivíduo, inconcebível ao mesmo, é atribuído ao outro, como se o outro fosse o originador destes sentimentos. Como existe a identificação, portanto diferente da projeção, o indivíduo não nega esses sentimentos, mas outorga de forma consciente esses comportamentos a outros, justificando-os de alguma forma. Este mecanismo é ativado quando gatilhos interpessoais despertam memórias, ou frações de memórias, traumáticas ao qual, paradoxalmente, o sujeito se sente responsável. (GIUSEPPE; PERRY, 2021).

A identificação projetiva é um mecanismo de proteção psíquica, utilizado não somente em sua conformação patológica, através do qual um indivíduo manifesta sua carência interior, como a ausência ou não integralização de afetos. A proporção dessa projeção, sobre o outro, depende da identificação e aceitação por esse, em atendê-la como sistema de comunicação, e na forma como responderá a essa estimulação. Essa transferência de características próprias a outros estaria fundamentada em episódios primitivos anteriores à habilidade de verbalização do indivíduo (NUNES, 2022).

A discussão dos mecanismos de defesa deve ser efetuado na manifestação externalizada de hábitos, visto que, a observação das defesas não é exatamente visível, mas percebida nas deformações sistêmicas dos eventos manifestos, ou seja, nas circunstâncias das evidências dos comportamentos. O contexto psicanalítico

extrapola a análise restrita de fatos mensuráveis, interpretando desejos, sonhos, fantasias entre outros. O conceito de mecanismo de defesa também encontra-se fundido com os fundamentos da psicanálise sobre ansiedade e conflitos psíquicos humanos, e sua provável associação a determinados comportamentos (MIHALITS; CODENOTTI, 2020).

4.1.1.2. Defesas Neuróticas

A categoria defensiva neurótica representa a faixa intermediária de adaptabilidade e seu uso demonstra a capacidade do indivíduo de lidar com o lado emocional ou cognitivo de estressores internos ou externos, que podem ser tratados um de cada vez, auxiliando o indivíduo na manutenção de partes do conflito como sentimentos, desejos e pensamentos relacionados, fora da consciência, o que provocaria uma ansiedade intolerável se percebida como uma experiência psicológica integrada (DI GIUSEPPE; PERRY, 2021).

O mecanismo de defesa de intelectualização, faz com que o indivíduo desassocie emoções e fatos de condições aflitivas, aceitando fatos mas recusando emoções. Na racionalização, o sujeito justifica seu comportamento perante situações de conflito, interno ou externo, para esquivar-se de culpas, ansiedades e responsabilizações (MUNIZ et al., 2020).

A defesa por compensação consiste em um processo de direcionamento de emoções, ou situações com as quais o indivíduo possui dificuldade de relacionar-se, para outra em que obtém êxito sem a necessidade de enfrentar essa sua adversidade, evitando assim o desconforto do enfrentamento emocional (MUNIZ et al., 2020).

4.1.1.3. Defesas Maduras

Essa classificação de defesa se refere ao nível de maior adaptação e inclui os mecanismos de defesa mais adaptativos, promovendo a vivência integrada e parcialmente consciente de sentimentos, ideias, desejos e pensamentos associados a um conflito interno ou situação estressante externa. Com isso, o indivíduo é capaz de lidar com suas experiências psicologicamente estressantes, integrando afetos com ideias, otimizando e possivelmente resolvendo a causa interna ou externa do sofrimento (DI GIUSEPPE; PERRY, 2021).

4.2. Relações Interpessoais e Interespécies

4.2.1. Apego

A vinculação entre apego, mecanismos de defesa e sofrimento psicológico, em indivíduos sintomáticos e não sintomáticos, são pouco abordados e utilizados em estudos experimentais. Associações de categorias de apego e mecanismos de defesa demonstraram interferências nas relações interpessoais, como na correlação entre o apego inseguro, a negação e abuso infantil pelos pais. A dificuldade ou inabilidade em expressar emoções também estariam associadas aos apegos inseguros (TANZILLI et al., 2021) e sua correlação aos mecanismos de defesa primários, como a negação e a projeção (PRUNAS et al., 2019).

A teoria do apego, que dedica-se a compreender “o desenvolvimento das relações entre pais e filhos, é frequentemente aplicada às relações entre humanos e animais de companhia” (LEWIS, 2020). Prunas et al. (2019), estudou a relação entre o apego e o desenvolvimento de mecanismos de defesa nos seres humanos. As defesas constituídas em indivíduos com relações de apego seguros não efetivam papel primário na estruturação das suas interações, enquanto que apegos inseguros, de características evitativas ou ansiosas configuram-se em relações com atuações relevantes de mecanismos imaturos de defesa como a projeção.

John Bowlby, psiquiatra e psicanalista britânico, foi pioneiro a debater características etológicas frente a teorias psicanalíticas, relacionando, num sentido mais amplo, o desenvolvimento do apego ao comportamento de imprinting (estampagem) definido pelo etólogo Konrad Lorenz (1903–1989). Nesse contexto, o animal demonstra níveis de sensibilidades distintos em suas relações com o meio de acordo com o momento etário vivido, discorrendo assim sobre a importância de interagir com ambiente para aprimoramento comportamental (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR, 2021).

“É o envolvimento com objetos, animados e inanimados, dentro do ambiente” (MIZEN, 2019), que expõe a capacitação do afeto e origina os domínios emocionais. Os afetos são então internalizados após desempenho diante destes objetos, determinando as relações objetais, seus complexos e referenciais internos de conduta. A caracterização destas atuações é resultado de entrosamentos biopsicossociais, emaranhados, que retroalimentam-se mutuamente para atingir

determinada configuração, promovendo, por vezes, propriedade emergencial simbólica a particularidades incompreendidas (MIZEN, 2019).

O objeto está conectado à história do sujeito e é a referência para a existência do ego. Sendo, ao mesmo tempo, interno e externo, esses objetos nascem da interação inicial com seus cuidadores básicos, naturalmente os pais, e fundamentam os sentimentos básicos, e que são componentes do desenvolvimento da personalidade, existentes entre o ser (Eu) e o Outro: frustração, rejeição e apego. O objeto externo é o percebido, e o interno é a representação internalizada deste. A escolha de um objeto na vida adulta pode ser ocasional, consciente ou inconsciente. São os extremos dessa relação objetal que fazem o indivíduo procurar no outro, e transferir a esse, a condição de suplemento a sua carência ou regulador de seus excessos (COELHO JR, 2001).

A investida para conciliar seus objetos internos é lançada ao futuro com intuito de frustrar comportamentos interpessoais constrangedores e contraditórios, essa condição pode impulsionar a ativação de mecanismos regulatórios contrafóbico, de codependência e manias. A integração do entendimento de futuro às teorias psicanalíticas, ajusta os pensamentos, do método terapêutico criado por Sigmund Freud (1856 - 1939), às pesquisas de psicologia e neurociência vigentes, que sustentam a concentração do comportamento direcionado para o futuro e ação focada no comportamento (SHAHAR, 2018).

Um apego seguro está associado a uma relação permanente entre cão e seu tutor, com favorecimento da proximidade, comunicação e interações equilibradas, com atenuação de ansiedade em cenários experimentais insólitos. O apego pode ser analisado, por observação comportamental, em cães e humanos, nas perspectivas individuais de cada espécie ou na reciprocidade de suas relações, sendo potencialmente valioso na sustentabilidade prática (HALL et al., 2021).

O emprego da teoria do apego para investigação de elos sociais entre animais e humanos, demonstra que a introdução de caráter infantil a cães maduros impacta negativamente em seu bem-estar (LEWIS, 2020). Um cão, ao ser incorporado a um ambiente familiar humano, é incluído como um objeto animado compartilhado e envolvido nos distintos processos de transferência de relações afetivas dos membros da casa. Existem, na espécie canina, temperamentos individuais variados que interferem na sua afirmação dentro da distribuição

hierárquica do grupo, intervindo nas relações com objetivo de satisfazer suas necessidades fundamentais (PONDER, 2019).

Cães podem exercer papéis diversos dos relacionamentos humanos sob a perspectiva psicológica da relação objetal, podendo-lhes ser incubidos aspectos de companhia, auxílio no suporte à solidão e ansiedade, ou de aplicabilidade afetiva paternal, maternal ou fraternal. Os animais também representam significativa atribuição nas relações do imaginário com o real, ao apresentar e reservar a criança, de novidades e anseios, modelando a psicologia e patologias na fase adulta humana (PONDER, 2019).

A concentração hormonal de ocitocina, verificada durante a interação entre cães e humanos, adultos ou crianças, é utilizada para mensurar os elos positivos sociais e afetivos (JOCKYMAN, 2017). Cães adultos, assim como filhotes, criam laços de apego semelhantes aos existentes entre humanos adultos e seus bebês. As condições do ambiente e das dinâmicas experimentadas por cães na constituição deste vínculo, interferem nas proporções de segurança e apego associadas à relação. Pesquisas recentes começaram a questionar sobre os distintas qualidades de apego, para o cão, nesta relação, e o impacto da vulnerabilidade da segurança do apego em seus comportamentos e bem-estar (HALL et al., 2021).

O estágio de vida dos animais varia conforme faixa etária e características da espécie ou raça. A categorização dessas etapas oferece suporte para a elaboração de estratégias preventivas capazes de atender as demandas pertinentes a cada fase do desenvolvimento. Esses momentos são divididos em filhote, adulto jovem, adulto maduro ou sênior, podendo ainda ser particularizada por patologias terminais constatadas (CREEVY et al., 2019).

Os cães, portanto, devem ser identificados dentro de sua maturidade individual para que recebam apoio social e emocional condizentes com sua faixa etária. A senciência dos animais, que é sua capacidade de sentir ou perceber por meio dos sentidos, já é aceita no meio científico, e que conforme amadurecem, na fase adulta, sua forma de relacionar-se com o ser humano e constituir novas estratégias sociais evolui progressivamente (LEWIS, 2020).

Corroborar com a adaptação dos cães às expectativas culturais dos humanos auxilia na observação adequada dos fatores de amadurecimento canino associados a desvinculação de atuação afetiva infantil com esses. Essa visão, é produtiva na averiguação de interferência dos comportamentos humanos, e como aspectos

psicológicos humanos “como projeção e internalização de comportamento problemáticos percebidos no animal, são fatores causadores de problemas relacionados à ansiedade” (LEWIS, 2020).

A avaliação da estrutura emocional de cães, por meio de observação comportamental, através da Escala de Afetos Positivos e Negativos (PANAS), que relaciona medo e ansiedade como agentes da ativação negativa, e ao fator de ativação positiva itens relacionados a interesse, persistência e intensidade, apresenta resultados capazes de apontar indivíduos, por correlação, propensos e sob ameaça ao desenvolvimento de reações psicológicas de segurança ou insegurança, respectivamente (SAVALLI et al., 2019).

Savalli et al. (2019), em seu estudo com amostras caninas brasileiras para validação do teste PANAS adaptado a cultura nacional, identificou associações ao gênero e faixa etária (na aquisição) dos tutores, raça e condição reprodutiva (castração) dos cães e inexistência de outro cão no mesmo ambiente, apontando para a escala negativa. Houve uma ativação negativa inferior, proporcional ao avanço da idade do tutor, e superior quando associados a animais castrados, sob a guarda de mulheres ou sendo os únicos cães da residência. Já para ativação de afetos positivos, a faixa etária adiantada do cão diminui essa condição, dormir dentro de casa e definição da raça, apontaram para esta direção.

Entre as funcionalidades fundamentais dos afetos estão a organização e orientação de escolhas comportamentais. A curto prazo, incorporadas em forma de emoções, ou a longo prazo, observado como temperamento ou humor, os afetos amparam as decisões. Contextualizado dentro da aprendizagem por reforço, com definição de condicionamento operante por recompensa e punição, o afeto apresenta interferência nos direcionamentos comportamentais observados, assim como a predição de ações também é verificada com a identificação estrutural afetiva do animal (MENDL; PAUL, 2020).

Cães sem raça definida, ou mestiços, apresentam maior probabilidade de desenvolverem problemas comportamentais. Esta condição está associada aos animais em condição de vida errante e por consequência ficarem mais expostos à condição de maus-tratos. No entanto, o fato de apresentarem maior probabilidade de convívio com outros cães, e oportunidades de enfrentamento de adversidades para obtenção de recursos, como na procura sem auxílio por alimentos, também os

qualificam positivamente. Isso demonstra a influência do afeto fundamentando as suas ativações positiva e negativa (SAVALLI et al., 2019).

Estudos indicam que a formação de apego seguro, ofertado em lares temporários, tem resultado positivo no bem-estar e prosperidade emocional do cão, neste ambiente e nos posteriores. A transferência de apegos benéficos, concebidos no período inicial da vida, de cães e humanos, são oportunos e preditivos a construção de novos apegos com a mesma qualidade. Cães com essa relação tendem a apresentar melhores comportamentos exploratórios, tenacidade e controle a situações impulsionadoras de ansiedade, sendo um aspecto relevante de segurança emocional e no êxito terapêutico, facilitando o tratamento pela persistência e engajamento perante objetos laborais (HALL et al., 2021).

A relação entre tutor e seu cão é semelhante aos comportamentos protetivos e de atenção a necessidades emocionais entre um humano adulto e uma criança, que compõem o sentimento de apego. A angústia pela ausência, que constitui a ansiedade de separação, por exemplo, é diretamente proporcional ao apego que o animal tem pelo dono, sendo demonstrado em comportamentos intensos na ausência, retorno ou presença destes (SARGISSON, 2014).

A relação de apego entre cães e seus tutores se assemelha com essa mesma relação entre crianças e seus pais. Três categorias de apegos de cães já foram designadas no estudo de cães com ansiedade da separação, os apegos: seguro, inseguro-ansioso e inseguro-evitativo. Cães com ansiedade da separação se encontram em uma relação de apego inseguro e ansioso. Estudos demonstram que a construção da relação de apego humana interfere nos cuidados que os tutores têm com seus cães, e conseqüentemente na relação de apego dos animais (KONOK; MARX; FARAGÓ, 2019).

A investigação dos efeitos da relação entre criança e animal possui pouca aplicação de recursos e esforços quando o assunto é o impacto no cão. Esta interação pode caracterizar prenúncios iminentes à condição física e psicológica do cão, e até mesmo da criança. Com aplicação da ferramenta, Lincoln P-QOL (Pet-dog Quality of Life), uma escala para avaliar a qualidade de vida de cães de estimação, foi observada a relação entre dois grupos de crianças, um com desenvolvimento neurotípico e outro com distúrbios neurológicos, com o intuito de supervisionar o bem-estar dos animais e possibilitar a interposição profissional devida. Não foram identificadas diferenças de interferência ou determinância associadas ao aspecto

neurológico dos dois grupos acima sobre os cães. No entanto, na observação geral da relação criança-cão, o afeto físico e o tempo de convivência demonstraram ser positivos ao cão, enquanto a excitabilidade e o medo se associaram prejudicialmente ao cão (HALL; BROWN; MILLS, 2019).

A responsividade mútua entre cão e criança proporciona vínculos de apego mais sólidos, impactando de maneira favorável ao desenvolvimento social infantil, estimulando a comunicação e ampliando a interação social (WANSER; MACDONALD; UDELL, 2021). Quando presentes na objetificação intrínseca infantil, os animais permanecem com a mesma representação para o adulto. Apesar de a análise psicanalítica por vezes desmerecer o relacionamento entre humanos e seus pets e evidenciar o apego patológico a esses. Complementarmente, também verificou-se que existem propriedades tanto disfuncionais quanto adaptativas na vivência extrínseca e psicológica com cães (PONDER, 2019).

4.2.2. Antropomorfismo

“Os animais não-humanos sem interferência humana possuem uma vida própria, nascidos para viver para si mesmos, dentro da integração com o meio e de acordo com sua natureza; expressando seu comportamento natural”. No entanto, a domesticação originou uma concepção de significado ao “ser” animal, não humano, dentro da estrutura social humana (PISA; LEME, 2022).

Biologicamente, o ser humano é classificado como animal, mas a crença de superioridade em relação a outras espécies e aplicação do especismo, inclinação aos interesses exclusivos da espécie, acaba por discriminar e desvalorizar os animais. Esse desmembramento cultural pressupõe ao ser humano definir sua identidade. No entanto, a interação e percepção de semelhanças, modifica o tratamento dado a algumas espécies (PÖLLÄNEN et al., 2022).

A demonstração de interesse dos humanos por animais domesticados é superior em comparação a insetos, por exemplo, pela percepção de semelhança entre suas expressões (MOTA-ROJAS et al., 2021) e liberação de ocitocina (JOCKYMAN, 2017). A transferência existente nesta relação de apego, no entanto, pode representar tanto um benefício, quanto pode comprometer o bem-estar destes animais (MOTA-ROJAS et al., 2021).

A antropomorfização está relacionada ao apego ansioso, onde o indivíduo possui uma inabilidade em sua tolerância a situações de sofrimento, com consequente direcionamento a objetos reconfortantes. Essa condição leva o indivíduo a extremismos sociais de aquisição, como a acumulação de objetos inanimados e animais não-humanos, que por muitas vezes terminam em condições de abandono ou maus-tratos (NORBERG et al., 2018).

A domesticação esculpiu determinados traços do temperamento, aprimorando a seleção humana efetuada pelo cruzamento de animais com personalidades mais adaptáveis a sua condição social (SANT'ANNA; DA SILVA VALENTE, 2016). A domesticação levou a seleção de indivíduos com fisionomias distintas das agressivas apresentadas por lobos cinzentos, direcionando usualmente a constituição de raças que expressem pedomorfismo, ou seja, com manutenção de suas características juvenis. Vibrissas de tamanho reduzido, orelhas externadas e flexíveis, anatomia craniofacial afável e comportamentos agregantes ao ser humano, são algumas destas particularidades seletivas (BURROWS et al., 2021). Assim como a seleção e distinção racial pela resistência à ansiedade da separação (PONGRÁCZ; GÓMEZ; LENKEI, 2020).

A atribuição de características e comportamentos próprios aos seres humanos, a objetos ou a outros seres vivos, seja pela percepção de sentimentos, consciência, sensações, intenções ou idealização de equidade física, comportamental e psicológica é conhecida como antropomorfismo. A etimologia da palavra tem origem grega, sendo *anthropos* referente a homem e *morphe* a forma (MOTA-ROJAS et al., 2021).

Quando o ser humano, no relacionamento interespecie, percebe a diferenciação aplicada aos animais, com valorização de uns e desvalorização de outros, isso pode desencadear mecanismos de defesa, por conta do conflito gerado mentalmente pela incoerência observada entre seus valores e suas atitudes. O alinhamento entre valores e comportamentos precisa então ser referenciado ou ressignificado (PÖLLÄNEN et al., 2022).

A negação, da existência de aptidões intelectuais e emocionais nos animais, amplia a desagregação entre os valores das espécies e reduz o sentimento de contradição percebido anteriormente (PÖLLÄNEN et al., 2022). Essa outorga aos animais, por vezes, impossibilita a expressão de ações naturais, ocasionando prejuízo à sua saúde. Raças de cães já foram criadas a partir dessa prerrogativa, de

focinho encurtado e olhos centralizados, os braquicefálicos, apresentam configuração craniana anatomicamente atraente, por sua identificação em semelhança à fisionomia humana. Estas características, selecionadas por cruzamentos direcionados, chegam ao ser humano carregadas de apelo antropomórfico, mas aos animais podem sobrar condições fisiológicas e emocionais prejudiciais, como síndromes respiratórias e ansiedade da separação (ROSA; PAIXÃO; SOARES, 2018).

A observação de cães como miniaturas ou variações humanas, pode ocasionar em projeções de necessidades dos tutores sobre seus animais. Esta aplicação ocasiona interpretações imprecisas sobre os reais motivos, pretensões e emoções nos comportamentos apresentados, podendo trazer, como exemplo, o desencadeamento entre tutor-animal de um relacionamento conflituoso iniciado por um simples gesto, mal interpretado, de comunicação da espécie (MOTA-ROJAS et al., 2021).

Os animais, proporcionam oportunidades de identificação pulsional nos humanos, com observação de seus desejos e medos característicos ao seu desenvolvimento. Nessa identificação, os cães desempenham papel de objeto para a expressão de investidas afetivas ou hostis de acordo com humor e necessidades do tutor. A representação da agressividade e sexualidade reprimidas pelo inconsciente, seriam então projetadas em seus animais de estimação, assim como a percepção de suas características sociais convenientemente benéficas (PONDER, 2019).

Brown e McLean (2015), realizaram um estudo com objetivo de identificar se humanos projetam características de sua personalidade, como culpa, solidão e ansiedade, nos cães. Identificaram que os tutores inclinados a experimentar sentimentos de culpa eram predispostos a reconhecer, de forma equivocada, ansiedade nos cães e destes estarem sentindo a mesma sensação de remorso. A pesquisa demonstrou que os humanos projetam alguns, não todos, de seus aspectos de personalidade.

Brown e McLean (2015), também se propuseram a averiguar a associação entre a identificação da condição psicológica dos cães e a interferência para conquista do bem-estar do animal. Os direitos dos animais realmente demonstraram-se mais respeitados conforme a personalidade empática do tutor, porém envolta de maior antropomorfização dos sentimentos de culpa e ansiedade.

Ou seja, a observação de características humanas nos animais, proporciona maior luta contra o sofrimento que os animais podem estar sendo expostos.

Pondera-se que, o ser animal, em sua animalidade, sofre uma imposição de desenvolvimento amparada pela interação com humanos, seja em forma de alteridade, antropomorfismo, ou em uma idealização social de sua representação e utilidade para a humanidade (PISA; LEME, 2022).

A sustentação do antropomorfismo vem da carência intrínseca do ser humano em estreitar laços com menor complexidade de compreensão e comprometimento sobre o outro, tentando simplificar desta maneira o entendimento da relação somente pelo espectro único de sua subjetividade. Ao satisfazer sua necessidade pessoal de ser compreendido, com essa percepção superficial e muitas vezes equivocada, o tutor não reconhece e desqualifica a interpretação real do comportamento animal e emoções associadas (MOTA-ROJAS et al., 2021).

4.2.3. Comunicação

Humanos iniciaram a domesticação de cães com a seleção dos mais aptos ao auxílio em atividades ocupacionais e com maior capacidade comunicativa. Ao convergirem suas progressões evolutivas, o benefício da compreensão recíproca possibilitou o desenvolvimento de suas relações afetivas e cognitivas, possibilitando maior entendimento de emoções caninas (AMICI et al., 2019).

Os comportamentos serviram como critérios avaliativos no processo seletivo de domesticação canina, em um primeiro momento atitudes amistosas dos cães em relação aos humanos permitiram a proximidade e inclusão no convívio social. Posteriormente, em um segundo momento, houve apuração promovida e fundamentada de indivíduos que se destacavam na habilidade de comunicação cooperativa (SALOMONS et al., 2021).

Os modelos de comunicação possuem sua origem nas relações de apego com alguma imagem associada, sendo um comportamento essencial e primordial nas espécies em geral. A maneira como os indivíduos expressam seus objetos internalizados, demonstra a trajetória de suas relações iniciais. Essa manifestação se revela na confluência entre a biologia interna e a subjetividade, que de um lado sustenta as propriedades comportamentais do organismo, e de outro compreende as

diversas modalidades subjetivas de expressão do comportamento, enquanto linguagem retratada (FERNANDES; PEIXOTO JUNIOR, 2021).

A comunicação linguística, no princípio das interações infantis com seus cuidadores, é intuitiva, e desprovida de significado para o bebê, demonstrando a extensão deste fenômeno, que encontra na entonação de sons um recurso considerável. É a capacidade de partilhar sentido a comportamentos, sentimentos e intenções que ampara a identificação humana e seus relacionamentos, servindo de suporte para capacitar sua empatia e reconhecimento, individual e interpessoal, de condições psicológicas (MIZEN, 2019).

Sendo intensamente sociais e expressivas, as espécies canina e humana, ao partilharem de naturezas similares, constituem referência comparativa para o entendimento emocional intra e interespecies. A sinergia comportamental dos cães com os seres humanos ao reconhecer emoções em expressões faciais e corporais é extraordinária, mas sua dinâmica perceptiva, comparada aos humanos, ainda não é completamente compreendida (CORREIA-CAEIRO; GUO; MILLS, 2021). As habilidades sociais caninas possuem caráter tanto genético quanto de aprendizado e aprimoramento individuais (PERSSON et al., 2015).

Cães são submetidos durante sua existência a diversas recompensas de qualidades variadas, apresentando maior resiliência diante mudanças de reforço, a própria intermitência em sua disponibilidade não desvaloriza sua influência. O laço sólido criado com os humanos, durante todo o processo evolutivo da domesticação, parece interferir na manutenção da qualidade da recompensa, independente da propriedade desta. A interação social e a comunicação entre as espécies, têm resultados positivos enquanto estímulos para os cães (DZIK et al., 2019).

Não apenas os humanos que possuem a capacidade de ler as expressões faciais caninas, os cães também são capazes de identificar as expressões humanas (BURROWS et al., 2021).

A forma direta de olhar para a face, como seres humanos utilizam a visão em diversas situações, é uma habilidade social complexa de troca de informações, com o objetivo de captar emoções e pretensões expressas (LAZZARONI et al., 2020), estimuladas pela liberação de ocitocina (ASSIS, 2023). Cães possuem esta capacidade junto a seus tutores em variadas circunstâncias, constituindo a perspectiva de semelhança de empregabilidade do sentido (LAZZARONI et al., 2020).

Humanos possuem maior habilidade na identificação de expressões faciais caninas, comparada, por exemplo, ao reconhecimento de feições em chimpanzés, animais mais próximos destes na escala evolutiva. A liberação de ocitocina resultante da troca de olhares entre humanos e cães, ocorre nas duas espécies, reforçando o afeto envolvido e condicionando-os a ter na observação de semblantes uma forma constante de comunicação (BURROWS et al., 2021).

Comportamentos utilizando os olhos também podem ser observados no gesto de olhar para trás que os cães apresentam a seus tutores ao se depararem diante tarefas impossíveis. Em um esquema de apresentação simultânea de quatro exercícios idênticos com reforço ao sucesso final via recompensa, formadas por três tarefas com tentativas de solução possíveis e uma impossível, cães domesticados direcionaram seu olhar para os humanos em intervalos menores e frequência maiores quando não alcançavam o resultado da atividade inviável, quando comparados a cães errantes, enquanto lobos insistiam na busca do objetivo por mais tempo sem o direcionamento de seu olhar para trás. Olhar para trás não representa uma estratégia de solução de adversidades, mas demonstra associação com a relevância da recompensa e sua persistência para alcançá-la, comparadas ao histórico anterior de reforço (LAZZARONI et al., 2020).

Cães se demonstraram suscetíveis não só ao olhar, mas à atenção de humanos, podendo apresentar sensibilidade ao que é visto, pretendido, conhecido e presumido por estes. A captura trivial de perspectivas, auxilia o cão em compreensões intuitivas na comunicação, quanto ao que é demonstrado ou oculto. A teoria da mente, na qual humanos seriam capazes de compreender e prever comportamentos alheios, condiz com as observações efetuadas nos cães, permitindo constatar que esses animais possuem habilidades de identificar alterações cada vez mais sutis nos comportamentos de humanos, principalmente daqueles com os quais têm convivência cotidiana (HUBER; LONARDO, 2023).

Estudos apontam que a percepção humana na identificação da expressão facial de cães e humanos é semelhante, e sofre influência de seus aspectos psicológicos. A empatia, a personalidade e a experiência do indivíduo, alteram o julgamento das emoções. Principalmente a empatia que influencia a velocidade e intensidade desta apreciação. Em sua forma cognitiva, a empatia demonstra maior precisão para estimar emoções em rostos humanos, e análise da realidade envolvida em objetos inanimados, sem a interferência das emoções dos avaliadores.

Na avaliação da emoção canina, a empatia emocional possui maior funcionalidade, por ser capaz de “considerar os estados internos dos não humanos ou que a tomada de perspectiva cognitiva é mal equipada para considerar a perspectiva de uma criatura viva, com uma construção mental provavelmente diferente” (KUJALA et al., 2017).

Na captação visual de informações, humanos concentram o direcionamento de seus olhos para a região da cabeça de seus semelhantes ou animais, enquanto cães destinam este sentido para cabeça e corpo, intensificando sua atenção à segunda estrutura para constatação de emoções expressas, tanto por cães quanto por humanos. Essa condição pode estar associada ao destaque que cada elemento tem nesta comunicação, como a distância e proporção dos segmentos observados em relação ao campo de visão da espécie. Nesse contexto, pode ocorrer comprometimento na interação entre as espécies, uma vez que suas percepções e expressões são distintas e necessitam ser consideradas para adequar a relação (CORREIA-CAEIRO; GUO; MILLS, 2021).

Os cães apresentam comportamento de olhar para os humanos, como uma forma de chamar sua atenção diante problemas complicados ou incompreensíveis. No entanto, o que parece a interpretação de uma solicitação de ajuda, depende de experiências prévias do cão com humanos. O desenvolvimento de cães em relações associadas à generosidade humana de seus tutores, são fatores predisponentes de comportamentos de requisição de assistência, demonstrando que certa habilidade dos cães em correlacionar informações prévias de uma relação para selecioná-las em interações com outros humanos, por vezes desconhecidos, é aprendida, e possui vínculo afetivo (CARBALLO et al., 2020).

Quando solicitados ao reconhecimento de comportamentos e sua previsibilidade nas interações sociais com cães, os humanos apresentam um bom desempenho na identificação de situações associadas a condutas neutras ou lúdicas. Porém, quando expostos a indicação de demonstração de ansiedade ou agressividade canina, sua performance é absurdamente inferior (EPERLEIN et al., 2022).

Diversos trabalhos apontam que humanos, adultos e crianças, não compreendem com segurança e fidedignidade os indicadores de expressão corporal dos cães, levando-os inclusive, a distorcer a percepção do real desígnio. Fato é que existe maior facilidade na identificação de emoções positivas que negativas, e o

conhecimento do contexto envolvido na expressão de sinais auxilia na distinção da emoção genuína (AMICI et al., 2019).

O reconhecimento de emoções em cães, é uma aptidão adquirida e dependente de experiência vivencial individual prévia, na condição de tutor, mas principalmente das relações culturais entre as espécies. Apesar de não estar claro quais aspectos culturais influenciam essa competência, seu entendimento permitirá aprender quais variáveis e costumes sociais possibilitam humanos a compreender as expressividades corporais e faciais, e a partir desse entendimento, estimular o aprendizado neste conhecimento, o que facilitaria a comunicação interespecies (AMICI et al., 2019).

O sexo dos tutores podem apresentar diferença na comunicação, por apresentação de percepções, características e hábitos diferenciados de apropriação. Mulheres, transparecem e se revelam mais, emocionalmente, para seus animais de estimação, e apresentam comunicação verbal com seus animais mais prematura e intensa, quando comparada à homens. É provável que a estrutura afetiva dos cães, ou sua sensibilidade, seja influenciada por estes contrastes. Quanto a aspectos relacionados a comportamentos ansiosos e recreativos dos tutores com seus cães, os testes de apego, não demonstraram distinção de gênero no resultado da interação (SAVALLI et al., 2019).

CHIJIWA et al. (2022), relatou índices de resposta para fêmeas, maiores que para machos, em trabalhos que mensuraram o tempo de atenção destinada a humanos e de cães, diante de tarefas sem solução e apresentação de imagens faciais. Demonstrando melhor desempenho diante aprendizados com atribuições sociais, cognitivas e afetivas, a autoridade de fêmeas possui relatos em diversas espécies, inclusive na humana.

O homem é relativamente propenso a procurar em outros indivíduos, humanos ou cães, propósitos otimistas em suas atitudes, ocasionalmente impossibilitando a identificação de situações ameaçadoras. A dificuldade para os humanos de analisar as interações sociais com outras espécies, é compatível com a verificada em suas relações interpessoais (EPPERLEIN et al., 2022).

Foi descoberto, atividade da personalidade humana na pressuposição de emoções faciais neutras e agradáveis. Sujeitos extrovertidos tendiam a observar agressividade em rostos humanos neutros, enquanto sujeitos agitados, reagiam de maneira mais crítica, observando excitação e agressividade em cães e humanos

com expressões faciais neutras. Foi evidenciado que humanos são influenciados por sua psicologia, mas sua predição na avaliação da emoção canina, e humana, vai além da análise de expressões comunicadas. Nos animais, a escalabilidade factual é dificultada, por não ser possível identificar com exatidão a emoção subjetiva e sua intensidade, por não haver a confirmação verbalizada desta (KUJALA et al., 2017).

4.3. Constituição Canina

4.3.1. Cognição, Consciência e Comportamento

O processo de domesticação aparentemente impactou alguns aspectos na evolução cognitiva dos cães. Quando comparados a filhotes de seus ancestrais, os lobos, cães de mesma faixa etária, apresentam maior atração por pessoas e uma comunicação cooperativa, com interação visual e compreensão gestual superior. No entanto, ambos espécimes, diante de situações sem interatividade social, apresentam atração igual por objetos, com performance similares em atividades que avaliam inibição e memorização. Essas informações suscitam o entendimento de que essas são segmentações de contexto social (SALOMONS et al., 2021).

A personalidade define a individualidade do ser. Em humanos, é a consolidação de características individuais desenvolvidas para conviver com o ambiente, seja nas condições sociais, experienciais ou de projeções preditivas. Nos animais, a conceituação de personalidade está centrada em seu temperamento, pois são identificadas por seus comportamentos, uma vez que os mesmos não se comunicam e expressam, pela verbalização da fala humana, o que dificulta a solicitação de informações sobre sua perspectiva de futuro. Portanto, é a expressão individual de comportamentos de cada animal que define sua personalidade, e essa individualidade determina a intensidade em suas reações fisiológicas. O convívio interespecies, homem-animal, aumenta a percepção e avaliação humana sobre a personalidade animal (SANT'ANNA; DA SILVA VALENTE, 2016).

A consciência, ou seu conteúdo, pode apresentar diversas designações, como consciência de algo, de outros, de si e da própria consciência, além de sensações, percepções, memórias, experiências, autoconhecimento, entre outros. Para a teoria da plataforma a consciência estaria associada ao que o cérebro manipula ou produz no momento, necessitando a presença de uma condição de

alerta e vigilância com apresentação de resposta, rápida e nítida, de adequação a determinada situação representada por estímulos de sua complexa rede. É admissível inferir que em espécies animais distintas, assim como entre indivíduos da mesma espécie, serão observados variados níveis, quantitativos e qualitativos, de consciência. Assim como verificar que a diferenciação entre objetos distintos, dispõe de menor atributo de processamento que a previsão, ou idealização, de acontecimento futuro (ZLOMUZICA: DERE, 2022).

A consciência e os sentimentos dos cães podem ser avaliados com a identificação que estes possuem da composição do ambiente e das estruturas de acesso ao mesmo. Quando estes animais transitam de forma fluída, sem a necessidade de ajuste em sua composição, conseguem obter uma imagem mais segura de sua representação. Demonstrando, também, capacidade de adaptação quando sujeitos a adversidades em que envolvem exigência cognitiva, como no transporte de objetos de dimensões superiores às das passagens no recinto. Ou seja, quando os cães reconhecem sua disposição corporal, conseguem julgar com maior exatidão o ajuste necessário, não hesitando diante mudanças organizacionais (HOROWITZ et al., 2021).

Em meio ao processo de conhecimento, compreensão e aprendizagem, que abrangem sua inteligência, os cães manifestam comportamentos de afeto, motivando, nos humanos, identificação de pulsões e reciprocidade (PONDER, 2019).

Os animais foram submetidos, desde o início do processo de domesticação, a condições antinaturais de sua espécie, ou seja, de sua identidade. Na psicanálise, essa condição da natureza do ser, está associada a um dos três componentes da personalidade, o ID. Os outros dois elementos, Ego e Superego, serviriam como reguladores do ID, a identidade natural do ser. O Superego sistematiza o ID dentro de referências éticas e morais, controlando impulsos desvalorizados socialmente. Os animais, não-humanos, possivelmente controlam esses ímpetos, mas sem disponibilização de valores e princípios sociais. Os animais, porém, não estariam equipados do conteúdo do Ego, sendo o ser humano, na domesticação, responsável por influenciar e transformar essa identidade (PISA; LEME, 2022).

Povos ancestrais passaram, e continuam passando, por processo idêntico, com o consumo de sua integridade psíquica e por vezes somática, ao terem suas culturas penetradas e contrapostas às suas assimilações intrínsecas e extrínsecas. Essas adversidades produzem defesas específicas, como a negação e identificação

projetiva, para manutenção de equilíbrio emocional. Neste caso, apesar dos aspectos e valores morais impostos, estes povos, são seres humanos, e dotados da construção de mecanismos para tentar proteger sua integridade psicológica (BONFADA, 2020), ao contrário dos cães que não possuem esta condição (FERNANDES, 2015).

A contenção de sua natureza, não se torna um comportamento extinto, pois é parte da identidade inata do animal. Essa interdição de sua individualidade fica retida até se transformar em um problema psicológico. Ao proibir o animal de desempenhar seus instintos, estaria o ser humano, frustrando-os e destoando dos conceitos de bem-estar animal. Ao modificar a existência animal, em suas essências, para servir às suas demandas, os seres humanos impactam a psicologia animal, caracterizando o que poderíamos chamar de síndrome de domesticação (PISA; LEME, 2022).

Testes de temperamento demonstram que o inusitado interesse por humanos, fomenta a manifestação de competências sociais iniciais nos cães (SALOMONS et al., 2021). Comparações entre as interações cognitivas e sociais de cachorros com crianças e adultos, demonstraram que os cães demonstram sincronia com os comportamentos das crianças, associando assim a seu engajamento e habilidade de responder socialmente. No entanto, o sincronismo comportamental de estação apontou que a integração com adultos, definida pelo tempo ao lado dos tutores enquanto estes permaneciam parados, alcançou o dobro da resposta comparada com crianças (WANSER; MACDONALD; UDELL, 2021).

Ao estudar o relacionamentos homem-animal dentro do contexto da psicologia das massas, busca-se a compreensão do sujeito dentro de uma coletividade, alcançando características maiores que sua individualidade e possibilitando transformações e funcionamentos individuais em direção aos interesses do grupo, reduzindo assim singularidade da identidade do outro na construção de um ser ideal às massas. Essa condição imaginária dos fatos é observada como perspectiva dos desejos humanos e não como realidade animal. Assim, os animais precisam ter suas identidades, para si, anuladas para manutenção de sua utilidade à massa. Como os animais possivelmente não têm consciência desse fenômeno e nem predição de solução para esta condição, perdem parte de sua autonomia como seres individuais. A vida dos animais passa então a ser ausente de estímulos para seu desenvolvimento e de sua psicologia,

pois enquanto “massa, o sujeito perde capacidades cognitivas, intelectuais e de lidar com as emoções, sendo mais um que faz o todo” (PISA; LEME, 2022).

O aprendizado comportamental e cognitivo se torna árduo somente no início, necessitando portanto de menor grau de consciência, e conseqüente menor utilização de recursos para a organização das informações já habituais. Dentro dessa perspectiva, a consciência está correlacionada ao esforço cognitivo necessário para identificar uma solução criativa e inovadora, para esclarecer adversidades, planejar o futuro ou orientar comportamentos objetivados. A inconsciência poderia ser associada então a hábitos e comportamentos intuitivos, mecanizados, ou seja, condicionados. As diferenças entre as representações executáveis na memorização e controle cognitivo definiriam as dimensões discrepantes de consciência entre as espécies. A identificação da consciência em animais pela observação cognitivo-comportamental, ao invés de tentar compará-la à humana, é um bom indicativo para compreendê-la (ZLOMUZICA: DERE, 2022).

O processo de desenvolvimento de perspectivas, provocaria uma adaptação de seu modelo cognitivo, isto é, a seus padrões e representações, assim como ocorre nos humanos durante sua infância. É possível que os cães tenham evoluído, durante todo o processo de domesticação, ao ponto de desconfiarem parcialmente dos humanos, mas demonstram indecisão prévia diante desse impulso (HUBER; LONARDO, 2023).

A referência consciente de sua própria existência e de si, como entidade diferente do restante dos indivíduos e objetos, e entre a sua competência de saber perante o conhecimento do outro, podem ser conseqüências de ações conscientes de cognição, armazenadas como representações de sua significação como indivíduo. O desenvolvimento intelectual foi responsável por produzir categorias de consciência dispostas por redes neurais de variabilidades complexas. “Patologias cerebrais, doenças neurodegenerativas e mentais afetam a cognição consciente e o comportamento” (ZLOMUZICA: DERE, 2022).

A ciência envolvendo o bem-estar animal trabalha para melhorar estratégias e manipulações na criação de animais, um exemplo é a produção ecológica, na qual animais conseguem desempenhar comportamentos com maior semelhança à sua inclinação natural, mesmo sendo vivenciada em um recinto artificial. Técnicas de aplicação como enriquecimento ambiental e outros condicionamentos, construídas na perspectiva humana, passam a atuar como compensações para manutenção

dentro de um ambiente repressor de seus impulsos e necessidades característicos, ou seja, da natureza real da espécie (PISA; LEME, 2022).

A ausência de modelos animais de consciência legítimos e fundamentados a serem utilizados em estudos prévios à clínica, não diminuem a ação que as doenças neurológicas e mentais possuem sobre a consciência. Para explicar e decifrar neurobiologicamente a consciência em animais, a teoria da plataforma defende que o cérebro passa a agir conscientemente em todas as situações nas quais representações mentais de estímulos, associações, concepções, memórias e experiências são nutridas de esforço. Com esta teoria existe a possibilidade de estruturar e padronizar uma análise objetiva, relacionando paradigmas comportamentais aos patamares de consciência comprometidos durante a atividade. Diante a casualidade de um novo obstáculo, ou necessidade de administração de informações, a consciência cognitiva comportamental é ativada, sob forma de atenção e transferência energética (ZLOMUZICA: DERE, 2022).

A Associação Americana de Hospitais Animais (AAHA), constituiu diretrizes para compreensão e atenção às necessidades comportamentais de cães e gatos, assim como às alterações de comportamento que afetam estes animais mais que outras doenças, definindo como essenciais à veterinária atual o entendimento, evidenciado, da normalidade ou atipicidade, para reconhecimento e intervenção junto aos transtornos pelos profissionais da área. Com o propósito de evitar o sofrimento, abandono ou até mesmo a eutanásia de animais com comportamentos indesejados, essas diretrizes objetivam-se ao cuidado básico sem estresse, identificação e avaliações de condutas em cada fase do desenvolvimento, orientação junto aos tutores, interação tutor-veterinário-paciente e conhecimento prático sobre a gestão de comportamentos (HAMMERLE et al., 2015).

Pesquisas efetuadas para avaliar a predisposição de cães a problemas comportamentais vinculados à ansiedade, não conseguiram estabelecer associações objetivas quanto as características de aquisição dos animais, sua localização durante horários de dormir, sexo dos animais ou tutores. A presença ou ausência de crianças na formação da família, ou sua constituição individual, pares ou mais pessoas não demonstrou interferir no desenvolvimento desse sentimento (SARGISSON, 2014).

A metodologia de aquisição de conhecimentos, comportamentos, ideias e condutas é conhecida por aprendizagem, e ocorre tanto conscientemente, quanto de

maneira inconsciente. Uma das técnicas mais conhecidas dentro da sistemática comportamental, é o condicionamento clássico de Pavlov, no qual se emparelha uma resposta, espontânea e condicionada, a estímulos distintos. O condicionamento pavloviano, portanto, consiste na equiparação gerada a um estímulo que não elicia determinada resposta, neutro, a um estímulo incondicionado, que apresenta uma resposta espontânea ou natural, incondicionada. Ou seja, transforma o estímulo neutro em estímulo condicionado, e resposta incondicionada, em condicionada ao novo estímulo. Duas outras situações podem ocorrer referente a esse estímulo condicionado, uma é a sua generalização, na qual a similaridade entre esse estímulo e outro pode desencadear a resposta, e a outra é justamente a discriminação destes estímulos parecidos, onde o animal é competente em suas distinções (REHMAN et al., 2022).

Cada partícula de informação é capturada sensorialmente e disseminada sob forma de estímulos visuais, mecânicos, olfativos e auditivos. Estes estão em constante ação sobre os indivíduos, e percebidos inicialmente pela organização funcional do órgão responsável, com significado interpretativo ao animal. A padronização estática de respostas normalmente está relacionada a estímulos específicos, ou estímulos-chave. “Um cão pode aprender a não reagir a um estímulo-chave, mas se não for especificamente treinado, ele se comportará de acordo com a interpretação inata da entrada sensorial” (JENSEN, 2007).

A desenvoltura para o aprendizado no condicionamento está relacionada a alguns fatores como sensibilidade e assimilação dos estímulos, e intervalo entre a exposição dos estímulos neutro e incondicionado. No entanto, esta resposta condicionada, aprendida, pode ser gradualmente extinta dependente da ineficiência na apresentação do estímulo condicionado. Porém a reabilitação espontânea deste estímulo também é contemplada, com maior facilidade, mesmo após ausência prolongada de sua apresentação (REHMAN et al., 2022).

O comportamento nos cães é motivado por fatores como experiências, estágio do desenvolvimento, linhagem e ambiente. As evidências apontam que a análise fisiológica, comportamental e da condição mental individual de cada paciente auxiliam na abordagem individual de problemas desta natureza, assim como na comunicação e abordagem do médico veterinário ao tutor, em contraposição à utilização engessada de modelos estereotipados (CREEVY et al., 2019).

Os comportamentos naturais possuem motivação interna e interferência ambiental e social, contudo, os animais sofrem manejos que os impossibilitam de expressar diversos destes comportamentos, propiciando inconveniências, em forma de comportamentos considerados indesejáveis, principalmente ao homem, na relação homem-animal. Essa repressão de comportamentos e desejos da personalidade natural é comparada ao conceito de castração da psicanálise, pois inibe o animal de ser ele próprio. A repressão, é voluntária na espécie humana, mas nos animais esta seria imposta e manipulada, pelas pessoas, para adaptá-los às condições experienciais humanas ideais (PISA; LEME, 2022).

O efeito que a recompensa tem sobre comportamentos humanos e animais pode ser diferenciado pelo autocontrole que humanos são capazes de desenvolver ao adiar esta compensação. Este processo de moderação sobre si, está associado à sua percepção de identidade, que proporciona ao ser humano o confronto entre o eu ideal e o eu real. É a idealização do ser contraposta ao comportamento desejado que oportuniza o autocontrole, e este domínio constitui condição primordial de sua personalidade. Este equilíbrio pode empreender na substituição de comportamento convergente, que despende e consome transitoriamente o eu, necessitando o indivíduo de tempo para recuperação e retorno de suas funcionalidades dentro do idealizado (MILLER et al., 2010).

A identificação de espontaneidade nos comportamentos caninos é algo pouco estudado, ficando difícil distinguir se um comportamento é inato ou adquirido, se atua sob efeito de instrução prévia ou não. A princípio, não existem comportamentos espontâneos nos cães, mas a possibilidade de uma categorização de respostas mediante a equivalência perceptiva de objetos similares. Esses objetos seriam referenciados como semelhantes por se associarem a comportamentos parecidos, ocasionando funções análogas, ou simplesmente casuais. Um comportamento complexo dependeria assim de maior padronização e especificidades experimentais prévias (WYNNE, 2020).

Os cães capacitados ao controle comportamental aparentam ter esgotado algum elemento essencial, após observação da inibição ou redução de comportamentos persistentes diante tarefas de resolução impossível. Resultados de estudos demonstram que a tolerância a comportamentos impulsivos, ou autocontrole, em humanos ou animais, estaria biologicamente associado à concentração glicêmica (MILLER et al., 2010).

Ainda não estão completamente estabelecidas as naturezas comportamentais, de tutores e cães, imprescindíveis para o adestramento canino. Fatores como idade e gênero do cão, ou se houve ou não sua esterilização, parecem não interferir no condicionamento canino. Por outro lado, o nível de desobediência do cão percebida pelo tutor, o grau de cognição do proprietário e a extensão do comprometimento ao treinamento, predizem o êxito ou fracasso no processo. Podendo o engajamento, e tempo dedicado, suprir as dificuldades encontrada pela falta de obediência (STEVENS, 2021).

Um estudo avaliou a sensibilidade e análise dos cães a qualificações de capacidade de humanos na abertura de recipientes, contendo estímulo alimentar. O que diferenciava a competência, era a abertura de potes recheados ou vazios, portanto, o estímulo não era ofertado na fase inicial do estudo para que não houvesse associação com os humanos. Observou-se que as fêmeas, tinham maior percepção e utilizavam estes critérios para predizer, com o olhar, a escolha do humano que consideravam capaz de realizar a tarefa, antes da abordagem, significando que as cadelas podem ponderar a competência humana que definirá seu comportamento, baseado em informações previamente adquiridas (CHIJIWA et al., 2022.)

Outro aspecto que apresentou interferência cultural nos comportamentos caninos - de agressividade dirigida a tutores, outros cães ou a terceiros, assim como excitabilidade, separação, procura de atenção, apego, excreções inapropriadas, energia, medos de estranhos, cães e outros não sociais - foi a falta de costume na aplicação de treinamentos e da ausência de regulamentações que considerem o passeio com esses animais um dever fundamental. A deficiência destas práticas, incitam alterações comportamentais a níveis ansiosos, de medo e de agressividade. O nível de instrução de tutores também propiciam graus diferentes de excitabilidade e apego aos animais, sendo os menos esclarecidos responsáveis pela correlação com a presença de problemas nesse contexto (SAVALLI et al., 2021).

Assim como a reorganização ambiental é importante para a aplicação de técnicas de análise aplicada do comportamento na alteração de respostas, o entendimento das emoções e sentimentos envolvidos nessa condição não deve ser negligenciado (MILLS, 2022).

4.3.2. Ansiedade

Alguns dos esquemas neurobiológicos descritos na literatura, como a ansiedade, contaram com a utilização de amostras de animais não-humanos para o esclarecimento de seu desenvolvimento. A identificação de atividades a níveis neuronais em cães, com a forma patológica desta alteração, apresenta melhores correlações com seres humanos, quando comparadas a localização e porção em córtex frontal de roedores, por exemplo. A espécie canina é considerada um exemplar conveniente para um fluxo de informações bidirecionais entre as referências de transtornos mentais com humanos, principalmente por sua probabilidade em desenvolver distúrbios mentais, somada à disponibilidade de acesso e manejo junto a esta (XU et al., 2023).

Os posicionamentos para o futuro circulam entre as especificidades dos tipos de ansiedade, das defesas combatentes da ansiedade e das relações objetivas constituídas em torno da ansiedade e suas defesas. A ativação da ansiedade ocorre por sensações aversivas e sua atenuação ocorre por sensações afetuosas, e sua regulação é aprendida (SHAHAR, 2018).

Sargisson (2014) relata, que alguns trabalhos demonstraram, que cães com disposição livre de alimentos, mudança de rotina ou composição familiar, adotados em idades mais avançadas, separados antes dos sessenta dias de vida da ninhada, ou que tiveram menor número de interações com outros humanos fora do convívio residencial entre o quinto e décimo meses de idade têm maior propensão a desenvolver comportamentos relacionados a ansiedade de separação. A ocorrência desse distúrbio, é alta em animais que residem em apartamentos, porém maior que a incidência de comportamentos agressivos. O risco de desenvolver ansiedade de separação por eventos traumáticos ocorridos na ausência dos tutores também foi descrito.

A ansiedade é um dos problemas comportamentais frequentemente identificados em cães, seus sinais são expressos e relatados, principalmente, quando são privados da companhia de tutores, naquela que é conhecida como ansiedade de separação. Geralmente, os indicadores deste sofrimento são clinicamente observados em sua vocalização, andadura, excreções desregradas, comportamentos destrutivos, salivação e respiração ofegante (HAMMERLE et al., 2015).

Ansiedade apresenta tanto resposta fisiológica, demarcada por excitação do sistema nervoso autônomo, com aumento das frequências respiratória e cardíaca, salivação, motilidade gastrointestinal entre outros, quanto comportamental, com observação de bocejos, vocalizações, agitação ou paralisação, movimento de língua sobre o focinho, etc. Essas respostas são desencadeadas pelo sentimento de ameaça, perigo ou tensão, mas também podem ser observadas na ausência de estímulo constatável. A ansiedade pode se demonstrar, nos animais, de modo específico a determinada condição, ou de maneira generalizada, a um conjunto de situações (POGGIAGLIOLMI, 2018).

Animais que sofrem maus-tratos, geralmente apresentam comportamentos sociais de ansiedade e agressividade, como mecanismo de defesa (SANT'ANNA; DA SILVA VALENTE, 2016). Problemas comportamentais relativos à ansiedade são predominantes em cães que apresentam medo, seja o social, que compreende o medo de outros cães ou humanos desconhecidos, ou o não social que abrange o medo a objetos desconhecidos, sons altos e eventos ainda inexplorados (HAKANEN et al., 2020).

Medo e ansiedade são reflexos emocionais, desprazerosos, da apresentação de perigos. A ameaça no medo tem influência referenciada pelo perigo real, enquanto na ansiedade esta interferência é de alusão ao seu potencial. Como para aplicação em cães e gatos, a diferenciação dos termos ainda não é bem definida, o elemento medo tem maior utilização, pela identificação da progressão e interação existente entre as expressões. O estresse é mais referenciado, por ter seu agente estimulador definido e associado à resposta comportamental do organismo (RIEMER et al., 2021).

A expressão de medo com característica não social está associada a uma frequência menor de socialização durante sua fase de filhote, a sua castração, à sua tutoria por pessoas inexperientes, a ausência de convívio com membros da mesma espécie, ao caráter urbano de onde residem e ao aspecto de baixa estatura racial. A observação e interferência junto a esses aspectos auxilia na melhoria do bem-estar dos cães (HAKANEN et al., 2020).

A excitação descrita para retratar medo e ansiedade, são semelhantes fisiologicamente, sendo o medo uma emoção comum a todos os animais e um estado momentâneo incitado por estímulos aversivos, enquanto a ansiedade ocorre como presságio a constatação destes estímulos. Cada objeto ou situação

estimulador podem desencadear respostas em formas de comportamentos distintos, como latidos, retração ou abaixamento de cauda para expressar o medo de estranhos, ou na forma de respiração ofegante, fuga ou aproximação de seus tutores demonstrando medo de novas situações (HAKANEN et al., 2020).

O medo é uma reação emocional de adaptação, com disposição psicológica e fisiológica, que resulta da identificação de estímulo aversivo, seja na forma de objeto, pessoa, instigação de sentidos, ou de cunho social. Se exterioriza emocionalmente, cognitivamente, comportamentalmente e somaticamente nos indivíduos. Já a fobia é o medo desproporcional com característica desadaptativa e de desestruturação funcional (POGGIAGLIOLMI, 2018).

Tutores que experimentam sentimento de culpa, na sua vida, observam nas características comportamentais condicionadas de submissão não-verbal de cães, mediante situações em que o humano sente a culpa, a identificação de sentimento de arrependimento, o que estaria definindo a projeção de suas experiências psicológicas nos animais. “A correlação positiva entre culpa pessoal e ansiedade percebida em cães” (BROWN; MCLEAN, 2015) é a relação mais significativa de projeção. Apesar de já estar bem definida a expressão de solidão e ansiedade nos cães, e da ansiedade social englobar sentimentos de culpa, relacionada à rejeição, e portanto predizer tal projeção, ainda não foi precisada a mesma condição projetiva para os sentimentos de solidão e ansiedade não contextualizada (BROWN; MCLEAN, 2015).

Para amenizar o estresse ou a ansiedade, o cérebro tende a legitimar qualquer comportamento que atenda essa função, progredindo em forma de dependência (PRETLOW; CORBEE, 2016). Comportamentos associados à ansiedade são considerados problemáticos e possuem repercussão negativa no contentamento de cães e tutores, conferindo insatisfação aos humanos e consequentemente enfraquecendo a relação de apego com seus cães (HAKANEN et al., 2020).

A obesidade canina, relacionada à ansiedade, é demasiadamente similar à humana infantil, sendo a dependência emocional existente na relação tutor-animal, igualmente assustadora a de pais e filhos, expressando a dificuldade de codependente em se desvincular ou estabelecer um relacionamento salutar para a situação. No entanto, a obesidade causada por estresse em cães, não é consequência da codependência pet-tutor, mas uma consequência de transtorno

emocional e/ou social, ocasionado por negligência do tutor somada à ansiedade nos cães (PRETLOW; CORBEE, 2016).

Apesar da maioria dos tutores entender que a obesidade representa ameaça à saúde de seus cães, a proporção de discordância quanto à afirmação anterior diminuía conforme o grau de progresso de seus animais em direção à obesidade. Outras interpretações de proprietários também alteram a adesão e consistência ao tratamento de cães obesos, como duvidar da eficácia de tratamentos e julgamentos precipitados sobre custos envolvidos na intervenção a esta alteração (PORSANI et al., 2020).

Mesmo com a expectativa de vida dos cães estar ampliando, ainda se sabe pouco sobre a associação entre idade e comportamentos ansiosos, ou quais são os resultados dessa combinação no bem-estar destes (MARX et al., 2021).

4.3.3. Tratamentos

Considerando a gravidade e prevalência, preocupantes, das alterações envolvendo a ansiedade em cães, o desenvolvimento de técnicas de tratamentos efetivos é primordial e imperativo (FEUERBACHER; MUIR, 2020). A primeira condição que o tutor deve ter ciência é que o tempo de duração do tratamento e comprometimento envolvido, dependerá da magnitude da ansiedade e a resposta do paciente aos procedimentos utilizados no tratamento (HAMMERLE et al., 2015).

É na fase que vai de seu nascimento até a descontinuação do crescimento acelerado do animal, entre os 6 a 9 meses de vida, que o cão, considerado filhote, possui maior necessidade de atenção a seu desenvolvimento social. Nesta etapa, os comportamentos se constituem e durante o período posterior, na janela de transição da juventude para o início da fase adulta, entre os 3 a 4 anos de idade, são consolidados. Ainda que esses intervalos não apresentem rigidez quanto a seu início ou término temporal, sendo gradativas as introduções e saídas de cada estágio evolutivo, a elaboração de intervenções específicas a cada etapa demonstram pertinência. A discussão e inclusão de sugestões aos tutores, sobre cada momento do desenvolvimento, que envolve a construção do comportamento animal, deve ser observada junto a outros cuidados gerais e específicos, como estilo de vida e classificação de risco a proteção, zoonoses, nutrição, parasitos, vacinação, dentição, reprodução e triagens específicas à raça (CREEVY et al., 2019).

Problemas comportamentais e sociais, possuem tratamentos que exigem aplicação de técnicas de diferentes naturezas. O uso prévio do medicamento diminui a ansiedade, permitindo melhor manipulação do animal (HAMMERLE et al., 2015). A administração de ansiolíticos é preceito para inibir excitação e estresse excessivo, preservando as condições necessárias ao resultado desejado no manejo clínico (RIEMER et al., 2021).

O tratamento para a ansiedade em cães envolve o uso de fármacos, como clomipramina e fluoxetina, atuando no combate imediato do sofrimento demonstrado pelos sinais clínicos. A probabilidade de eficácia medicamentosa é maior se utilizada no começo do desenvolvimento da alteração. Para alcançar um planejamento terapêutico mais amplo, adequação de rotinas e ambientes tem um papel fundamental para o sucesso da intervenção. Técnicas de modificação de comportamento são ferramentas imprescindíveis para que o animal encontre a estabilidade necessária para sua saúde mental (HAMMERLE et al., 2015).

Psicotrópicos em nenhuma circunstância devem ser considerados como determinantes para a solução deste distúrbios de natureza emocional, mas um instrumento de atenuação do sofrimento, promovido pelo medo e estresse. Este controle aflitivo, tem por objetivo, melhorar o bem-estar animal e proporcionar condições adequadas ao treinamento de modificação do comportamento (RIEMER et al., 2021).

A ansiedade, assim como medo e estresse, é uma resposta biológica adaptativa a estímulos externos de ameaça que suscitam a necessidade de reação do organismo em forma de fuga ou luta. O comportamento escolhido pelo animal, diante da tensão intimidatória, está relacionado às condições da apresentação do estímulo, como disponibilidade de evasão ou enfrentamento e avaliação do risco apresentado, e de aspectos determinantes de sua personalidade (RIEMER et al., 2021).

A punição de comportamentos e o sentimento de abandono, temporário ou efetivo, são estímulos recorrentemente observados no histórico de cães com problemas de ansiedade. A redução dos transtornos comportamentais é bem observada quando o aconselhamento abrange os fatores citados anteriormente, independente do encadeamento temporal utilizado para as técnicas de intervenção (SARGISSON, 2014).

Treinamentos que utilizam-se de técnicas consideradas aversivas, como punição positiva e reforço negativo, apesar de não apresentarem diferenças experimentais com técnicas de reforço positivo, demonstram afetar negativamente o bem-estar dos cães, embora a maioria dos estudos se apoiem na análise de relatos dos tutores sobre os métodos (DE CASTRO et al., 2020).

É altamente recomendado aos tutores a realização de treinamentos de dessensibilização e contracondicionamento para moderar sintomas de ansiedade e medo em seus cães, estando os mesmos cientes que existe limitação em sua garantia quando é considerada sua aplicação e manutenção a curto prazo. Existe também o conhecimento de baixos índices de adesão de tutores a programas efetivos de treinamento (STELLATO et al., 2019).

É importante ressaltar que comportamentos podem ser implementados pelo próprio tutor, observadas as orientações do médico veterinário especializado na área, pois existem algumas condições que podem ser consideradas inviáveis por seu grau de intensidade e que necessitam de um suporte profissional adequado, para abordar, avaliar, aconselhar e corrigir as alterações (HAMMERLE et al., 2015).

A interferência que o condicionamento tem sobre os seres não se restringe a aprendizagem de comportamentos, altera também condições de saúde físicas e emocionais. Tratamentos clínico-terapêuticos fazem uso de várias técnicas, geralmente combinadas, para alcançar seus objetivos, como na utilização de contracondicionamento e dessensibilização sistemática. O contracondicionamento estabelece uma relação estímulo-resposta positiva ao apresentar uma resposta não aversiva ao estímulo que desencadeia resposta aversiva, ressignificando seu mérito. Já a dessensibilização consiste no aumento gradual de exposição de estímulos ansiogênicos (REHMAN et al., 2022).

O método de dessensibilizar comportamentos, é muito utilizado em fobias, para reduzir o potencial ameaçador do estímulo até o nível de relaxamento durante a exposição a ele. Já o contracondicionamento, é utilizado para trocar um comportamento indesejado para um desejado diante do mesmo estímulo, em uma condição de competição de respostas perante este estímulo, obtendo o desejado e extinguindo o indesejado (POGGIAGLIOLMI, 2018).

A técnica de dessensibilização sistemática é utilizada no tratamento comportamental da ansiedade da separação em cães, e consiste na exposição ao estímulo aversivo, ausência do tutor, com ampliação progressiva, iniciando com

intensidades menores no início do tratamento. Estudos demonstram a observação de latências curtas, após a separação, para a apresentação das respostas comportamentais problemáticas, como 3,25 minutos para vocalizações e 7,13 minutos para práticas destrutivas, portanto, os intervalos iniciais do treinamento devem ser menores que estes parâmetros, evitando a manifestação da ansiedade (SARGISSON, 2014).

O empreendimento adequado das técnicas de dessensibilização e contracondicionamento, estratégia adequada para intervenção em pacientes com ansiedades, medos e fobias, apresenta como consequência conclusiva a modificação das respostas indesejadas. Essa substituição de resposta promove a manifestação de comportamento pretendido ou de um encadeamento comportamental, reverso à sequência anteriormente expressa (POGGIAGLIOLMI, 2018).

Na clínica animal comportamental, a concentração por respostas, pode transformar o uso exagerado de reforços em hábitos condicionados que não necessariamente sejam agradáveis ao cão, ou seja, o animal responde ao estímulo por conta do objetivo do treinamento, mas não a sua referência motivacional. Na perspectiva psicobiológica, o interesse está na dedução da individualidade do cão, sobre seus afetos e motivações, e conseqüentemente na adequação de seu bem-estar. Uma vez que já é admitida a expressão distinta de determinada emoção por animais da mesma espécie, a mensuração do problema pela ótica emocional pode ter maior sensibilidade que o comportamento em sua constatação (MILLS, 2022).

Um ponto importante a ser trabalhado, está relacionado à autonomia do paciente nos tratamentos. A observação dos fatores em uma única perspectiva, por exemplo a médica, desequilibra o reconhecimento sistêmico, de comprometimento e responsabilidades, sobre o problema. Ao não se discutir todas as alternativas de um comportamento desequilibrado, a decisão sobre a escolha a ser tomada caberá a um único indivíduo, inicialmente o veterinário, ou ainda o tutor, mas nunca o animal. A avaliação multidisciplinar possibilita o compartilhamento da decisão e avaliação de todas as condições envolvidas no transtorno (MILLS, 2022).

A estruturação de um conceito contemporâneo com aplicação prática de integração empírica via métodos instrumentais, compreendendo afeto animal e influência nas decisões, possibilita o tratamento experimental do afeto em animais.

Um modelo foi desenvolvido para entender a intervenção que afetos, de curto e longo prazo, possuem sobre a tomada de decisões. Os recursos para avaliação foram divididos em preferências, previsões e resultados afetivos, similares aos utilizados para avaliação de humanos. Este modelo se mostrou apto ao uso em diversas espécies, possibilitando a comparação entre resultados divergentes e correspondentes da interação afeto-decisão (MENDL; PAUL, 2020).

Algumas atividades humanas são consideradas incômodas, e até mesmo ameaçadoras, pelos cães. O que reduz, ou aumenta, essa sensação é justamente o condicionamento ao redor destes estímulos, seja voluntariamente ou não. Para que seja positiva esta relação, é necessário a consciência dos tutores sobre as formas de comunicação do cão e de suas próprias transmitidas ao cão, a coordenação das atividades diárias e realização constante de treinamentos (MONTENY; MOONS, 2020).

Com foco na resolução do problema, as técnicas psicológicas compreendem toda representação de relevância e propósito do comportamento, da mesma forma que das decisões efetuadas. As comparações entre reforço e emoção, evidenciando os resultados obtidos e as percepções desenvolvidas, apontam para valor e significado subjetivo dos fatos. A probabilidade da resposta é associada à alteração da função orgânica, enquanto os significados emocionais são caracterizados pela “persistência, valência, escalabilidade e generalização”. É o caráter probabilístico da informação que valida a condição de ciência das matérias, mesmo diante da inferência de condições psicológicas intrínsecas (MILLS, 2022).

A aplicação de interações terapêuticas efetivas, depende da consistência e coesão entre os envolvidos, assim como a harmonia e a comunicação, entre profissionais, pacientes e grupos relacionais, constituem importância significativa para o sucesso em ajustes comportamentais (REHMAN et al., 2022).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre a identidade animal, auxilia em seu entendimento e no respeito de suas individualidades, colaborando, por analogia, sobre nosso próprio entendimento (SANT'ANNA; DA SILVA VALENTE, 2016). O reconhecimento do uso de mecanismos de defesa do ego humano como estímulos, ou como variáveis, na relação humano-cão ou em sua reciprocidade, demonstrou-se presente em diversos

momentos e situações dessa interação. A importância de estudos nesse nível multidisciplinar está em caracterizar as condições antrópicas de estimulação ou extenuação de comportamentos a situações anti-naturais nos cães. Como cães e humanos têm uma relação interespecie muito semelhante a interpessoal, por serem seres vivos com características similares nos contextos sociais, emocionais e cognitivos, a aplicabilidade dos conhecimentos das psicologias humanas para entendimento desses animais e das formas de interação, expressão e comunicação aplicadas, merece atenção proporcional ao apego envolvido. A construção de uma relação de apego seguro, com afetos positivos e maturidade na relação interespecie, correlacionados a interpretações comunicativas e emocionais adequadas, constitui um ambiente harmônico para o desenvolvimento cognitivo adequado aos cães.

As interações imaturas humanas surtem efeitos adversos sobre os animais, configurando sobre estes aspectos de somatização das fissuras emocionais de seus tutores, atuando como, e sobre os, estímulos comportamentais. Ao idealizar o indivíduo projetado no animal um modelo ideal, como se esse fosse sublime, tendo esse mecanismo relação direta com a negação de imperfeições. A defesa por negação, apareceu em momentos de necessidade por parte do tutor de reconhecer problemas e enfrentar condições correspondentes ao cão por interferência ou alteração em sua natureza. O mecanismo de projeção parece ter um efeito imenso na relação interespecie com o cão, por envolver aspectos psíquicos mais profundos e de geração de expectativa nos animais de condições que não remetem a esses, levando a sobrecargas emocionais desproporcionais ao seu sistema psicológico, devendo o animal ser tratado dentro de suas alterações, devendo seus tutores se comprometerem com esses cuidados e com a necessidade de seu reconhecimento terapêutico pessoal. A antropomorfização tem aspectos projetivos humanos e é responsável por compreensões inautênticas da realidade emocional e comportamental canina, ocasionando problemas antrópicos. Estudos futuros sobre o tema apoiarão ainda mais o entendimento das variáveis envolvidas nestes problemas.

6. REFERÊNCIAS

- AMICI, F. et al. The ability to recognize dog emotions depends on the cultural milieu in which we grow up. **Scientific reports**, v. 9, n. 1, p. 1-9, 2019.
- ASSIS, L. C. B. **Relação entre síndrome de ansiedade por separação e castração em cães**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Departamento de Reprodução Animal, São Paulo, 2023.
- BLANCO, C. et al. Approximating defense mechanisms in a national study of adults: prevalence and correlates with functioning. **Translational Psychiatry**, v. 13, n. 1, p. 21, 2023.
- BONFADA, T. J. Diálogos entre psicanálise e comunidades tradicionais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 54, n. 2, p. 224-238, 2020.
- BROWN, C. M.; MCLEAN, J. L. Anthropomorphizing dogs: Projecting one's own personality and consequences for supporting animal rights. **Anthrozoös**, v. 28, n. 1, p. 73-86, 2015.
- BURROWS, A. M. et al. Dog faces exhibit anatomical differences in comparison to other domestic animals. **Anat. Rec**, v. 304, p. 231-241, 2021.
- CARBALLO, F. et al. Asking for help: Do dogs take into account prior experiences with people?. **Learning & Behavior**, v. 48, p. 411-419, 2020.
- CAMPOS, R. O conceito de Mecanismos de Defesa e a sua Avaliação: Alguns Contributos. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica**, v. 1, n. 50, p. 149-161, 2019.
- CHIJIWA, H. et al. Female dogs evaluate levels of competence in humans. **Behavioural Processes**, v. 203, p. 104753, 2022.
- COELHO JR, N. E. A noção de objeto na psicanálise freudiana. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 4, p. 37-49, 2001.
- CORREIA-CAEIRO, C.; GUO, K.; MILLS, D. Bodily emotional expressions are a primary source of information for dogs, but not for humans. **Animal Cognition**, v. 24, n. 2, p. 267-279, 2021.
- CREEVY, K. E. et al. 2019 AAHA canine life stage guidelines. **Journal of the American Animal Hospital Association**, v. 55, n. 6, p. 267-290, 2019.
- DE CASTRO, A. C. V. et al. Does training method matter? Evidence for the negative impact of aversive-based methods on companion dog welfare. **Plos one**, v. 15, n. 12, p. e0225023, 2020.

DI GIUSEPPE, M.; PERRY, J. C. The hierarchy of defense mechanisms: Assessing defensive functioning with the Defense Mechanisms Rating Scales Q-Sort. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 718440, 2021.

DZIK, V. et al. Do dogs experience frustration? New contributions on successive negative contrast in domestic dogs (*Canis familiaris*). **Behavioural processes**, v. 162, p. 14-19, 2019.

ENSINK, K. et al. O papel protetor da mentalização de experiências traumáticas: implicações quando da entrada na parentalidade. **Estilos da Clínica**, v. 20, n. 1, p. 76-91, 2015.

EPPERLEIN, T. et al. Context and prediction matter for the interpretation of social interactions across species. **Plos one**, v. 17, n. 12, p. e0277783, 2022.

FERNANDES, M. **Cara de um, focinho do outro - a interação entre os animais e seus tutores**. Editora Butterfly, São Paulo, 2015.

FERNANDES, J. B. P.; PEIXOTO JUNIOR, C. A. Apego e comunicação: considerando o desenvolvimento infantil sob a ótica da etologia e da psicanálise. **Psicologia USP**, v. 32, 2021.

FEUERBACHER, E. N.; MUIR, K. L. Using owner return as a reinforcer to operantly treat separation-related problem behavior in dogs. **Animals**, v. 10, n. 7, p. 1110, 2020.

FRIEDMAN, E.; KRAUSE-PARELLO, C. A. Companion animals and human health: benefits, challenges, and the road ahead for human-animal interaction. **Revue scientifique et technique (International Office of Epizootics)**, v. 37, n. 1, p. 71-82, 2018.

GHENO, D. **Apego e aliança terapêutica: reflexões teórico-práticas**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2022.

GUERINI, R.; MARRAFFA, M. Defense mechanisms: From the individual to the collective level. **Rivista internazionale di Filosofia e Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 95-112, 2020.

HALL, N. J. et al. Working dog training for the twenty-first century. **Frontiers in veterinary science**, p. 834, 2021.

HALL, S. S.; BROWN, B. J.; MILLS, D. S. Developing and assessing the validity of a scale to assess pet dog quality of life: Lincoln P-QoL. **Frontiers in Veterinary Science**, p. 326, 2019.

HAKANEN, E. et al. Active and social life is associated with lower non-social fearfulness in pet dogs. **Scientific reports**, v. 10, n. 1, p. 1-13, 2020.

HAMMERLE, M. et al. **2015 AAHA canine and feline behavior management guidelines**. v. 51, n. 4, p. 205-221, 2015.

HOROWITZ, A. et al. Can dogs limbo? Dogs' perception of affordances for negotiating an opening. **Animals**, v. 11, n. 3, p. 620, 2021.

HUBER, L.; LONARDO, L. Canine perspective-taking. **Animal Cognition**, p. 1-24, 2023.

JENSEN, Per (Ed.). **The behavioural biology of dogs**. Cabi, 2007.

JOCKYMAN, Luelyn. **Ocitocina sérica e comportamento afetivo de cães na interação com crianças e adultos**. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Ginecologia e Obstetrícia, Porto Alegre-RS, 2017.

KONOK, V.; MARX, A.; FARAGÓ, T. Attachment styles in dogs and their relationship with separation-related disorder—A questionnaire based clustering. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 213, p. 81-90, 2019.

KUJALA, M. V. et al. Human empathy, personality and experience affect the emotion ratings of dog and human facial expressions. **PLoS one**, v. 12, n. 1, p. e0170730, 2017.

LAZZARONI, M. et al. Why do dogs look back at the human in an impossible task? Looking back behaviour may be over-interpreted. **Animal Cognition**, v. 23, n. 3, p. 427-441, 2020.

LEITE, R. F.; MACEDO, F. N.; ANDRADE, S. B. C. Psicanálise: uma revisão didática sobre as principais contribuições de Freud. **Estudos de Psicanálise**, n. 55, p. 255-259, 2021.

LEWIS, A. Infantilizing companion animals through attachment theory: why shift to behavioral ecology-based paradigms for welfare. **society & animals**, v. 1, n. aop, p. 1-18, 2020.

MACHADO, D. S. et al. Identification of separation-related problems in domestic cats: A questionnaire survey. **PLoS One**, v. 15, n. 4, p. e0230999, 2020.

MARX, A. et al. Age-dependent changes in dogs'(Canis familiaris) separation-related behaviours in a longitudinal study. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 242, p. 105422, 2021.

MENDL, M.; PAUL, E. S. Animal affect and decision-making. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 112, p. 144-163, 2020.

MIHALITS, D. S.; CODENOTTI, M. The conceptual tragedy in studying defense mechanisms. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 54, n. 2, p. 354-369, 2020.

MILLER, H. C. et al. Self-control without a “self”? Common self-control processes in humans and dogs. **Psychological science**, v. 21, n. 4, p. 534-538, 2010.

MILLS, D. S. Clinical Animal Behaviour: Paradigms, Problems and Practice. **Animals**, v. 12, n. 22, p. 3103, 2022.

MIZEN, R. The affective basis of violence. **Infant mental health journal**, v. 40, n. 1, p. 113-128, 2019.

MONTENY, J.; MOONS, C. P. H. A treatment plan for dogs (Canis familiaris) that show impaired social functioning towards their Owners. **Animals**, v. 10, n. 1, p. 161, 2020.

MOTA-ROJAS, D. et al. Anthropomorphism and its adverse effects on the distress and welfare of companion animals. **Animals**, v. 11, n. 11, 2021.

MUNIZ, P. R. et al. Análise dos mecanismos de defesa do ego utilizados pelos etilistas e o impacto do vício no meio social. **DESAFIOS-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins**, v. 7, n. 4, p. 124-137, 2020.

NORBERG, M. M. et al. Anxious attachment and excessive acquisition: The mediating roles of anthropomorphism and distress intolerance. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 7, n. 1, p. 171-180, 2018.

NUNES, M. A. F. Observações sobre a identificação projetiva como forma de comunicação em um caso de avaliação-intervenção. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 24, n. 2, 2022.

O'FARRELL, V. Owner attitudes and dog behaviour problems. **Applied Animal Behaviour Science**, v.52, n. 1-2, p. 205-213, 1997.

PERSSON, M. E. et al. Human-directed social behaviour in dogs shows significant heritability. **Genes, Brain and Behavior**, v. 14, n. 4, p. 337-344, 2015.

PISA, J. P. N.; LEME, D. P. A formação do sujeito animal não-humano: a psicanálise e suas relações com a ética e o bem-estar animal: The formation of the non-human animal subject: psychoanalysis and its relations with ethics and animal welfare. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 11, p. 71647-71662, 2022.

POGGIAGLIOLMI, S. Desensitization and counterconditioning: when and how?. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v. 48, n. 3, p. 433-442, 2018.

PÖLLÄNEN, E. et al. Classic psychedelics and human–animal relations. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 13, p. 8114, 2022.

PONDER, J. Patients' use of dogs as objects of identification, projection, and displacement. **Psychoanalytic Psychology**, v. 36, n. 1, p. 29, 2019.

PONGRÁCZ, P.; GÓMEZ, S. A.; LENKEI, R. Separation-related behaviour indicates the effect of functional breed selection in dogs (*Canis familiaris*). **Applied Animal Behaviour Science**, v. 222, p. 104884, 2020.

PORSANI, M. Y. H. et al. What do Brazilian owners know about canine obesity and what risks does this knowledge generate?. **PloS one**, v. 15, n. 9, p. e0238771, 2020.

PRETLOW, R. A.; CORBEE, R. J. Similarities between obesity in pets and children: the addiction model. **British Journal of Nutrition**, v. 116, n. 5, p. 944-949, 2016.

PRUNAS, A. et al. Defense mechanisms, remembered parental caregiving, and adult attachment style. **Psychoanalytic Psychology**, v. 36, n. 1, p. 64, 2019.

RACHÃO, I. A. S. " **Diz-me Quem Eu Sou**": Um Estudo Sobre a Relação Entre Traços Disfuncionais da Personalidade e Mecanismos de Defesa em Adolescentes. Tese de Doutorado. Universidade de Evora (Portugal). 2013.

RAMOS, D. et al. Canine behaviour problems in Brazil: a review of 180 referral cases. **Veterinary record**, v. 186, n. 18, p. 22-e22, 2020.

REHMAN, I. et al. **Classical conditioning**. [Updated 2022 Aug 22]. In: StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2023 Jan-. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK470326/>, 2022

RICE, T. R.; HOFFMAN, L. Defense mechanisms and implicit emotion regulation: a comparison of a psychodynamic construct with one from contemporary neuroscience. **Journal of the american psychoanalytic association**, v. 62, n. 4, p. 693-708, 2014.

RIEMER, S. et al. A review on mitigating fear and aggression in dogs and cats in a veterinary setting. **Animals**, v. 11, n. 1, p. 158, 2021.

ROSA, S.; PAIXÃO, R.; SOARES, G. Antropomorfismo: definições, histórico e impacto em cães de companhia. **Revista Brasileira de Zootecias**, v. 19, n. 2, 2018.

SALOMONS, H. et al. Cooperative communication with humans evolved to emerge early in domestic dogs. **Current Biology**, v. 31, n. 14, p. 3137-3144. e11, 2021.

SANT'ANNA, A. C.; DA SILVA VALENTE, T. Personalidade em animais: o que diz a ciência? **Revista Brasileira de Zootecias**, v. 17, n. 2, 2016.

SARGISSON, R. J. Canine separation anxiety: strategies for treatment and management. **Veterinary Medicine: Research and Reports**, p. 143-151, 2014.

SAVALLI, C. et al. Assessment of emotional predisposition in dogs using PANAS (Positive and Negative Activation Scale) and associated relationships in a sample of dogs from Brazil. **Scientific reports**, v. 9, n. 1, p. 18386, 2019.

SAVALLI, C. et al. Characteristics associated with behavior problems in Brazilian dogs. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 234, p. 105213, 2021.

SHAHAR, G. The (suicidal-) depressive position: a scientifically informed reformulation. **Psychodynamic psychiatry**, v. 46, n. 2, p. 265-293, 2018.

SHAHAR, G. et al. Defensive projection, superimposed on simplistic object relations, erodes patient-provider relationships in high-risk pregnancy: An empirical investigation. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 58, n. 5, p. 953-974, 2010.

SILVA, J. M.; FONTENELE, L. A noção de defesa na teoria e na técnica de Sándor Ferenczi. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 2, p. 195-204, 2019.

STELLATO, A. et al. Effect of a standardized four-week desensitization and counter-conditioning training program on pre-existing veterinary fear in companion dogs. **Animals**, v. 9, n. 10, p. 767, 2019.

STEVENS, J. R. et al. Dog and owner characteristics predict training success. **Animal Cognition**, v. 24, p. 219-230, 2021.

TANZILLI, A. et al. Mentalization, attachment, and defense mechanisms: a Psychodynamic Diagnostic Manual-2-oriented empirical investigation. **Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process, and Outcome**, v. 24, n. 1, 2021.

WANG, H. et al. Multi-level hierarchical complex behavior monitoring system for dog psychological separation anxiety symptoms. **Sensors**, v. 22, n. 4, p. 1556, 2022.

WANSER, S. H.; MACDONALD, M.; UDELL, M. AR. Dog-human behavioral synchronization: Family dogs synchronize their behavior with child family members. **Animal Cognition**, v. 24, p. 747-752, 2021.

WYNNE, C. DL. Can a dog be spontaneous?. **Learning & Behavior**, v. 48, n. 4, p. 397-398, 2020.

XU, Y. et al. Network analysis reveals abnormal functional brain circuitry in anxious dogs. **Plos one**, v. 18, n. 3, p. e0282087, 2023.

ZLOMUZICA, A.; DERE, E.. Towards an animal model of consciousness based on the platform theory. **Behavioural brain research**, v. 419, p. 113695, 2022.